

REVISTA LITERÁRIA

ARTE & CURA

DEZEMBRO 2022

EDIÇÃO #01

*Editorial de Lançamento
por Dr. Edmundo
Gaudêncio*

*Biografia do primeiro
médico campinense,
Chateaubriand De Melo,
na coluna de Dr. André
Brasileiro*

*Confira os poemas, contos
e crônicas (e muito mais!)
produzidos por nossos alunos
e professores*



© REVISTA LITERÁRIA ARTE E CURA

A BIROSCA DO MEROVEU
– Editora, Café e Sebo –
R. Frei Caneca, 280 - Centro,
Campina Grande-PB, 58400-322
www.meroveu.com.br
omeroveu@gmail.com

Editoração e parecer técnico: Everton Avelino
Diagramação, Arte da capa e Logo: Thiago de Oliveira Almeida

REVISTA LITERÁRIA ARTE E CURA

revistaarteecura@gmail.com

Organização: Diretório Acadêmico Francisco Brasileiro

Equipe editorial

Editora-chefe: Patrícia Spara Gadelha UAMED-UFCCG
Conselho Editorial: André Adelino Brasileiro UAMED-UFCCG
Antônio Gadelha da Costa UAMED-UFCCG
Daniel Omar Perez | Unicamp / UFJ
Deborah Rose Galvão Dantas UAMED-UFCCG
Edmundo de Oliveira Gaudêncio UAMED-UFCCG
Fernanda de Lourdes Almeida Leal | Coordenadora
do Centro de Humanidades-UFCCG
Jaime Emanuel Brito Araújo | UACV-UFCCG

EDITORA UNIVERSITÁRIA DA UFCCG (EDUFCG)

Av. Aprígio Veloso, nº 882 | Bloco AL | Sala 01 | CEP 58429-900
Centro de Extensão José Farias de Nobrega | Campina Grande, PB | Brasil
<https://editora.ufcg.edu.br> | Instagram: @ed.ufcg |
atendimento@editora.ufcg.edu.br | +55 83 21011008

Reitor: Antônio Fernandes Filho
Vice-Reitor: Mário Eduardo R.M. Cavalcanti Mata

Direção Administrativa: Yasmine Lima
Assessoria Administrativa: Anselmo Lopes

Conselho Editorial: Anubes Pereira de Castro (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valeria Andrade (CDSA)

SUMÁRIO

POESIAS

Quero Ser.....	9
A queda de Cronos	9
Elogio ao frag(mo)mento	10
O Ser Humano	11
Essa mulher	12
Mares do Sul.....	12
Mar.....	12
A linha do Equador	13
Viagem ao P.Araíso	14
Dois amigos	15
Lápide	16
E, apesar disso, a vida é boa	16
Contemplar.....	17
Distante.....	17
Agora Sei	17
Olhos Negros	18
Poética licença	19
Pedindo desculpas ao mestre.....	19
Já fui.....	20
Dicotomia	21
Un peu de Debussy.....	21
Brincando com as sombras.....	22
Até não fazer falta	23
Josefina.....	23
Novo Modismo	24
Cuidados Básicos.....	25
Melhor	25

CRÔNICAS

REMORSO	28
O EU: MORTE E RENASCIMENTO.....	29
FAZERO QUE DEVE.....	32
MISSÃO DE PEDRO.....	33
HÁ BELEZA NA VIDA ORDINÁRIA	34
PULVIS ET UMBRA.....	35

CONTOS

RECEITA DE PSEUDOCIESE E BISCOITOS DE NATA....	38
EU, O NÃO-EUGÊNIO .	38
CARTA À MINHA SOLIDÃO.....	41
SANTA LUZIA	42
OCASO	44
SEVERO INVERNO.....	46
ESPARTANO.....	46

EDITORIAL

“A filosofia é uma coisa com a qual e sem a qual o mundo continua tal e qual”, disse Gregorio Marañon y Posadillo (1887-1960), Médico, Cientista, Historiador, Escritor e Filósofo espanhol, defensor ardoroso da ideia de uma prática clínica humanizada, a qual incluísse, junto à Técnica e à Ética Médicas, a Estesia – ou Sensibilidade, apenas capaz de ser apreendida e praticada através das Artes.

Por isso propunha que a Literatura deveria ser Disciplina obrigatória nos Cursos de Medicina. Afirmava ele, em defesa disso, que os textos acadêmicos são frios, técnicos, não discutem o Ser Humano – o qual apenas mostra sua face, suas emoções e sentimentos na Grande Literatura, através de grandes personagens: –, visto tratarem o Ser Humano apenas como Organismo e não como Pessoas e, para isso, como dito, necessárias Técnica, Ética e Sensibilidade – esta última apenas apreensível graças ao refinamento sensorial e espiritual do Médico e da Médica, obtido através de suas vivências junto às Artes!

Embora dele discordando quanto à ideia de que a Filosofia não muda o mundo, nisso citando Mário Quintana (1906-1994), poeta, tradutor e jornalista gaúcho e universal: “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”.

Em todo caso – e disto tenho certeza: vivo fosse, Marañon y Posadillo subscreveria este Editorial, com isto concordando: Impossível humanizar a Medicina – sem que Médicos e Médicas sejam Homo sapiens – mas também Homo sensibilis!

E a isto se presta esta Revista: Humanizar a Técnica Médica – graças à ideia de que apenas quem cultiva a sensibilidade é capaz de perceber as sutilezas do mundo e compreender a Alma Humana!

Dr. Edmundo Gaudêncio



PILARES DA MEDICINA DE CAMPINA GRANDE

"Carum est, quod rarum est" (São Jerônimo)

*Dedico esta coluna aos raros e estimados homens que
construíram a História da Medicina de Campina Grande*

CHATEAUBRIAND BANDEIRA DE MELO



Embora eu prefira os filósofos realistas, um filósofo idealista, o primeiro de todos, Platão, escreveu uma interessante metáfora sobre a escravidão proporcionada pelo desconhecimento: O Mito da Caverna.

Nessa história, Platão descrevia homens acorrentados a uma caverna desde crianças, que só podiam ver suas próprias sombras projetadas pela luz de uma fogueira, sendo todo o conhecimento destes resumido às interpretações destas projeções.

Este tipo de escravidão, a que impõem correntes aos saber, ainda é um desafio a ser transposto nos nossos tempos, mas CHATEAUBRIAND BANDEIRA DE MELO lutou contra uma

servidão ainda mais desumana no século XIX.

Nascido na então Villa de Cabaceiras/PB, então comarca de São João do Cariri, em 2/7/1853, esse campinense por adoção foi um dos grandes ABOLICIONISTAS paraibanos.

Desde estudante, tinha férreo compromisso com o aprendizado, o que o levou às cadeiras da Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, médico formando-se em 1884, defendendo tese sobre a Doença de Parkinson.

Quanto mais correntes do saber quebrava, mais lutava pelo fim das correntes reais que tiravam a vida de mais de 4 milhões de negros africanos desde 1530.

Sua abnegação e solidariedade eram tão notórias que, ainda estudante de Medicina, em 1877, foi condecorado com A Ordem da Rosa, alta comenda do reinado, pela sua atuação, ainda como estudante de medicina, em um surto de febre amarela à época.

E quem outorgou esse título ao Dr. Chatô, como era conhecido, foi a mesma autoridade que 11 anos depois, em 1888, aboliria a escravidão no Brasil: A Princesa Regente Isabel, A Redentora.

Voltando à Campina Grande por volta de 1885, tornou-se o PRIMEIRO MÉDICO DA NOSSA CIDADE, à época com cerca de 20 mil habitantes, atuando em clínica geral na sua própria residência, um casarão ao lado da Igreja Matriz e a domicílio, sem sequer cobrar honorários.

Mas a Política tomou-lhe da Medicina,

elegendo-se deputado estadual em 1892 e deputado federal em 1894, sendo o PRIMEIRO DEPUTADO FEDERAL DE CAMPINA GRANDE.

Tinha tanta importância para a nossa cidade que foi a escolha natural para ser o orador por ocasião da chegada do primeiro trem da empresa Great Western em 1907, a máquina de número 3, enfeitada com folhas de palmeiras e com bandeiras do Brasil, promovida pelo prefeito Cristiano Lauritzen e que inaugurava uma fase de crescimento exponencial de Campina Grande e seu ouro branco, o algodão.

Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo faleceu em 29 de abril de 1936, aos 83 anos, mantendo-se imortal, pelo seu pioneirismo, como Patrono da Cadeira 7 da Academia Paraibana de Medicina.

Autor: André Brasileiro

Médico pela UFPB, urologista pela UFPE, Coordenador do Serviço de Urologia do HUAC e Preceptor da Residência em Cirurgia Geral do HUAC

Pesquisador de história da medicina na Paraíba, Vice-presidente do Instituto Histórico de Campina Grande e Vice-presidente da Associação Médica de Campina Grande



POESIAS



POEMAS DO MEIO DA ESTRADA

*“POETA NÃO É SOMENTE O QUE ESCREVE.
É AQUELE QUE SENTE A POESIA, SE EXTASIA SENSÍVEL AO
ACHADO DE UMA RIMA, À AUTENTICIDADE DE UM VERSO.”
(CORA CORALINA)*



Dedico esta coluna àqueles que são encantados pela poesia, sejam poetas ou não...

Deborah Dantas

I.

Dra. Deborah Dantas

Professora da disciplina de Semiologia Médica

Quero Ser

Da vida, não quero o sol ofuscante:
 prefiro o brilho discreto da estrela.
 Ante a inflexibilidade do carvalho,
 Prefiro a humildade do arbusto
 que se curva ao sabor do vento.
 Não quero a infinitude dos oceanos,
 mas a tranquilidade de um rio
 que vai terminar no mar.
 Me agrada mais o som de um violino
 em contraponto à sinfonia da orquestra.
 Nem rosas nem tulipas quero ter,
 prefiro colher nos campos as flores silvestres.
 Não quero as torres das catedrais,
 nem o ouro dos altares:
 a madeira simples das capelas me satisfaz.
 Quero a imperfeição dos homens
 diante dos seus deuses perfeitos.

Quero o ser.

Quero ser.

II.

Igor Dantas

Aluno do 7º período

A queda de Cronos

*(Lembro-me, de antemão,
 Do paradoxo de Zenão!)*

Aquilo que foi, que é, que será
 Ao não-ser jamais voltará
 Estampado em nossa alma, para sempre
 Apagado no porvir nunca será
 E existindo, eterno como a gente
 Conosco há sempre de ficar
 Ainda que vago, turvo e silente
 Dormitando na monotonia vigente
 Possa ocasionalmente se afigurar
 N'alma nossa, logrará se reanimar
 Bastando apenas, para tal, que a mente
 Viva novamente o que vivo está
 Nessa alma mesma, que, vaga, turva e silente
 Espera o fortuito despertar
 Daquilo que d'antes nascendo com a gente
 Na eternidade nunca morrerá.



III.

Dr. Edmundo Gaudêncio

Professor da disciplina de Psiquiatria

Elogio ao frag(mo)mento

“Tudo que é sólido desmancha no ar”,
disse Marx. E disse Bauman: “Tudo é líquido!”

Concordo plenamente com ambos,
mas à minha maneira!

O que é líquido pode congelar - e todo
sólido, antes de virar pó, vira pedaço,
fragmento.

O fragmento é uma coisa fantástica!

Basta que descubramos: tudo é fragmento!

Não vemos o mundo, vemos apenas
fragmentos do mundo, o fragmento
que nossa vista alcança...!

Recordamos de fragmentos de
nossas vidas, recortes dos dias
muito bons e muito ruins.

Não vemos uma coisa por inteiro –
porque não conseguimos enxergar,
simultaneamente, todos os lados,
todos os ângulos de todas as coisas.

E tem mais: todo fragmento cedo ou tarde se fragmenta em fragmento
menor...!

Não nos iludamos,
somos fragmentos de nós mesmos,
o fragmento da infância, da adolescência, da maturidade, da velhice –
e só percebemos isso quando retornamos ao pó donde viemos ...!

(E será que nós nos lembraremos de nós mesmos quando formos átomos?)

Dra. Berenice Ferreira

Professora das disciplinas Saúde Coletiva II e
Introdução às Práticas Integrativas e Complementares

O Ser Humano

O ser humano é um poço
Que o fundo não se vê
Tanto faz ser ele o moço
Ou este ao envelhecer
Cheio de mistério parece
Uma caixa de segredo
Que o tempo vira e mexe
Não tendo muito desvelo

O ser humano é um poço
Que o fundo não se vê
Tanto faz ser ele o moço
Ou este ao envelhecer
Começando o caminho
Chora logo ao nascer
Tem atenção e carinho
Não havendo o que temer
Entra na adolescência
Sente medo e solidão
Sofre a abstinência
Do que tem no coração

O ser humano é um poço
Que o fundo não se vê
Tanto faz ser ele o moço
Ou este ao envelhecer
Com pouco mais idade
E com todo o fulgor
Conhece a felicidade
O trabalho e o amor
Na idade mais madura
Problemas a enfrentar
Percebe com amargura
Que a vida é um lutar

O ser humano é um poço
Que o fundo não se vê
Tanto faz ser ele o moço
Ou este ao envelhecer
Quando idoso a pensar
Em tudo que aconteceu
Se valeu a pena o pesar
As batalhas que venceu
Na hora de sua morte
Com angústia, medo e dor
Não sabe de sua sorte
Roga a Deus, seu Salvador

O ser humano é um poço
Que o fundo não se vê
Tanto faz ser ele o moço
Ou este ao envelhecer

VI.

Dr. Astênio Fernandes(Convidado pelo Conselho Editorial)
Médico oftalmologista.

Membro da Academia Paraibana de Letras.

Essa mulher

Essa mulher, que se entrega inteira,
como rio que as margens beija e enlaça,
é périplo de posse passageira:
feito as águas de rio, pulsa e passa.

Essa mulher é trama traiçoeira
que leva de roldão a quem abraça.
A delusão mais viva e verdadeira,
o instante fugaz falto de graça.

Essa mulher, que de amor tem fome,
traz do rio o destino: adentra o mar
e se farta do sal que lhe consome.

Água que passa sem saber voltar,
essa mulher, sem rosto e sem ter nome,
abraça, beija, mas não sabe amar!

VII.

Pedro Krishna

Aluno do 8º período

Mar

Amar de amor
Onde há mar
Armar de amor
Onde o mar estar
Se amar
Sê desarmado
Ah, mar
Amar-se é se armar de ar/mar

VIII.

Dra. Deborah Dantas

Professora da disciplina de Semiologia Médica

Mares do Sul

Meu coração, navio errante,
Passa por mares nunca d'antes navegados
Ancora em terras de prados verdejantes
De pinheiros e trigais dourados
Meu coração, navio imigrante
Chega a um porto de mar azul
Embora frio, sem temporais
Do mapa do mundo, o sul
Meu coração, navio solitário
Anseia pelo calor aconchegante
Das lareiras, das madeiras,
Das formas e das cores
Das flores e das floradas
Meu coração, navio incerto
Pelo destino levado
Ancora em um porto seguro
De onde se sente o cheiro
Das videiras e dos vinhos
Dos pinhos e dos carvalhos.



IX.

Dra. Luciene Paz

Professora das disciplinas de Ética e Relações Humanas e Psicologia Médica

A linha do Equador

Se você se fizer a pergunta...
O que é um equador?
Você poderá imaginar uma linha
Eu lhe pergunto: O que é uma linha?
Na verdade, eu sou você
Ao fazer uma pergunta me divido?
Nós, estreitos nós
Pensamos que a linha vem por associação
A imagem da linha dividindo a Terra
Linha imaginária, no meio de um planeta
Sucessão contínua de pontos plotados
O fio têxtil, comprimento longo e contínuo de fibras entrelaçadas,
Adequado para o uso na produção de tecidos, tal como o linho
Linha que serve para costurar rasgos, fios de sutura absorvíveis
Casaquinhos de tricô à espera, sapatinhos de crochê para aplacar o frio,
Para bordar as letras do nome que mais importa, por horas de amor
A linha onde se deitam as palavras, onde o poeta põe a vida e o trenzinho caipira a rodar e
ecoa a dor.



X.

Pedro Krishna

Aluno do 8º período

Viagem ao P.Araíso

Cidadela manhosa feito cadela no cio.

Jeitosa e brilhante como a lua.

Nos quintais “penhascais” minha rede armar.

Balançando na sequidão úmida de um precipício.

Fios de tensão alta em sucatas “eiffel’s” se cruzam com as paralelas do asfalto. De elétron pra elétron garantem a mansidão da tribo.

Buracos do tempo se abrem e ET’S surpreendem nas engenhocas que dão -e tomam- dinheiro.

Murallas rochosas da história dividem uva do vinho...e o vinho, bebido a sangue frio, aquece o peito.

‘Professores’ tomado no gargalo olhando pros tetos.

Risos tristonhos e isolados de cabeça laranja.

Palhaços não “circosos” de olhos verdes, pretos e castanhos...ladrões de atenção. Lampiões cegos.

Violeiro bem localizado.

Bebê, de 20 anos, babá de bebum.

Malabarista de sena e duque “dominó” a cena.

Paredes ouvintes de gritos caneados.

Nuvens expurgantes de sangue paralisam o observador, que atento, do vidro, se distrai. Afogamento na profundidade adoçada.

Pulos, molhados, de só riso.

Salva-vidas de vidas a serem salvas.

Discursos chorosos de humor nas ilhas soníferas reclináveis.

Protagonistas da celebração da vida, com vocês, minha tristeza é alegre e nossa solidão é acompanhada.

Chefes das CHESF diluem genialidades.

Labirintos projetados.

Transposições obsoletas vendáveis de tempos imperiais.

Desvios laminais em horizontes sombrios.

Concretos verticais eletrizados.

Rio desesperado com os ‘braços’ na cabeça, já careca.

Lágrimas represadas.

Angustiosas secas na terra d’água.

“Chico Velhaco”, devedor de visita, pagador de expectativa.

És Rascunho perfeito de um Deus inspirado

Uma beleza que arde e que cura!

Um a-mar de rio verde esmeralda!

E na grandeza dessa enormidade, penso na singularidade minúscula que somos...e concluo que nada somos, apenas estrangeiros sedentos do “viver”!

XI.

Dr. Edmundo Gaudêncio

Professor da disciplina de Psiquiatria

Dois amigos

(Furtando ideia de Jacques Derrida)

Tossindo, com um fiapo de alma
preso à garganta, o moriente pergunta:
“Por que eu?”

Ao que seu único amigo, sentado à
uma cadeira à beira do leito de morte,
lhe respondeu:

“E por que não eu?
Quem trama as felicidades e
tristezas, festas e tragédias em
nossas vidas?
O Destino?
O Fado?

O Acaso - que dizem ser o
pseudônimo de Deus quando Ele não
quer assinar seu nome Próprio?

Por que tu e não eu ou por que eu e não tu?”

Segurou a mão fria que segurava a
mão gelada da morte e lhe sussurrou:

“Todos temos a nossa hora!
Chegará a minha vez...!”

Se te serve de algum consolo,
tu ainda tens a mim, este teu amigo que
orará e chorará por ti, devolvendo à
terra o teu corpo morto...!

Quanto a mim, amigo, quem sepultará o meu cadáver?”

XII.

Thielly Iohane

Aluna do 8º período

Lápide

Meu amor jazia no Jazigo
 Na lápide não havia nada
 não tinha frases que alguém deixou
 não tinha data de nascimento
 mas tinha a data da minha morte.

Meu amor
 ressuscitava dentre os mortos
 se recusava a ir a cada tentativa mórbida
 meu amor jazia em vida

Escrevi com sangue tuas letras
 onde nenhuma cicatriz pudesse ser concebida
 na vã tentativa de te manter
 ainda póstumo
 dentro de mim
 Inacabado
 rasgado
 entre os meus dentes
 que te cuspiam durante o sono

Te embalsamar ainda em vida foi o meu maior feito
 Teu olhar pétrido jazia
 fixo
 congelante
 partindo partes vivas, em pedaços amargos
 vivo
 ele jazia em vida

pensei em te levar flores
 memorar momentos que agora jaziam mortos
 congelar o tempo e ao mesmo tempo te congelar
 para sempre
 embalsamado na minha existência

Mas meu amor
 você jazia em vida
 carregando consigo partes impróprias
 amargas, partidas, doces
 Andando como os vivos andam
 carregando a parte morta de mim
 que não penso em recuperar
 em enterrar
 consumir

Todos os dias eu te enterro
 de uma maneira diferente

nesse velório de ninguém
 nessa estrada sem flores póstumas
 nesse céu marrom de histórias
 que um dia morreram
 e que agora morrem em vida

Em toda morte há uma sentença
 Em todo amor há culpados
 Quem diria nós nos assassinaríamos
 Nesse whisky
 e nesse amor barato?

XIII.

Matheus Gouveia

Aluno do 3º período

E, apesar disso, a vida é boa

Na cadeira da cozinha me encaixo
 Ela tem minha silhueta, minha forma
 A mesmíssima xícara de café aguarda
 Marcada pelo beijo seco
 Ao lado da garrafa que gorgoleja
 A tarde invade revolta
 E com ela minha lástima chega
 Lastimo o cigarro que se desintegra
 Um vulto de criança passa correndo
 O mais velho cão estirado no carpete
 Maldigo o telefone esbaforido que toca
 A TV que, epiléptica, faz melódicos ruídos
 E a chaleira assobiando um samba no fogão
 Vejo a rua pela janela nua
 Cinza concreto sob um cinza celeste
 As nuvens animadas trazem terra molhada
 Os panos dançam tango no vendaval
 Um gatuno prepara sua cantiga
 Sua companheira felina fareja a lua
 E eu trago, vapor e fumaça trago
 Na mesma cadeira da cozinha
 Que moldei por anos e anos
 Com as juras de todos os santos
 Imaginando estar em outros ares
 Talvez nas montanhas andinas
 Ou nas praias quentes de Lisboa
 E, apesar disso, a vida é boa.

XIV.

Danusa Petra e Ana Livia

Alunas, respectivamente, do 7º e do 8º períodos

Contemplar

Venho com este poema
falar um pouco da vida
que nessa rotina corrida
nos coloca num dilema

Será que a gente pode ter
tempo pra pensar em arte
se ao olhar por toda parte
sempre há tanto pra fazer?

Será que é necessário
no meio da nossa pressa
falar de algo que expressa
a beleza do ordinário?

Na correria da gente
Trabalho, estudo e cansaço
na agenda nem sobra espaço
o tempo vai de repente

Há dias bem turbulentos
Em meio a um mundo tão
louco

E preciso parar um pouco
pra aproveitar os momentos

Ouvir um riso de criança
depois de um dia difícil
mostra que sempre é possível
ainda ter esperança

Sentar junto dos avós
Ouvir histórias e aprender
da aventura que é viver
E enxergar além de nós

Estender a mão a alguém
pra acalmar sua dor
mostra que agir com amor
acalma a nossa também

Olhar pro céu, da janela
esquecer o barulho ao redor
saber que não se está só
e que a vida pode ser bela

XV.

Marielle Boaventura

Aluna do 12º período

Distante

Fiquei feliz porque me visistaste em sonho
Mesmo sendo a única maneira de você me encontrar

Se for assim, meu amor
Faça dos meus sonhos a sua morada
Não deixe nenhuma quimera sossegada
Enquanto por ti espero acordada
Aguardando a hora de deitar

XVI.

Dra. Deborah Dantas

Professora da disciplina de Semiologia Médica

Agora Sei

O brilho que faltou no olhar
A palavra que ficou no ar
O sorriso que faltava dar
Os braços, sem muitos abraços
A dança, sem tantos passos
Os laços, sem apertar
Caminhos não percorridos
Gestos um tanto contidos
O tempo que não gastei
A vida, que não vivia
O amor, que não saberia
Sem ti: agora sei.



Thielly Iohane

Aluna do 8º período

Olhos Negros

Nos olhos negros dele eu me afundei

Nele encontrei a minha sombra

O meu reflexo sombrio no espelho da alma

Nos meus cacos infinitos

Negros

Partidos

Nos olhos dele encontrei a magnitude

O risco de paz no meio de um mundo sem ele

A escuridão nele me atrai

Me abarca

Vazia

Partida

Escura.

Decidi que ele seria o escolhido

Que mergulharia de vez

No que é tê-lo um dia em meus braços

E escapar

Em carne viva

Vazia

Decadente

Perpétua

Inócua

Inválida

Decidi me eximir de meus pecados

de minhas preces mais pecaminosas

Mas já me deleitava no átrios mais impuros dos quais entrei

das mãos mais impuras que já me tocaram

Da minha fragilidade perpetuada no prazer

De somente um beijo teu possuir

Ó vil papel de existência tua

que me faz liquefazer

Em pedaços

inócua

diminuta

submissa

Quando me senti só

Lembrei que não havia te dado asas

meu maior erro foi tê-lo

minha maior vingança foi obtê-lo

provar a mim mesma

nunca foi tão doloroso

nunca foi tão vil

teus olhos nunca foram tão selvagens.

meus olhos selvagens.

Eu me vi em teus terríveis e lancinantes sorrisos

teu sorriso que me afogava

me iluminava

me queimava sem estar em chamas

me lembrava do quanto sou maldosa e o quanto minha

natureza é má

Sem limites

obscura

em trevas

imoral por natureza

tê-lo despertava o que há muito jazia em mim.

na minha solidão vi o teu reflexo no espelho embaçado

enforcado na garganta como alguma comida ruim

como alguma lágrima nunca derramada

do que poderíamos ter sido

ter nos permitido

ter deixado a liberdade nos afugentar com seu véu.

um véu negro de sacralidades que somente nós

compreenderíamos

tê-lo nunca foi tão doloroso

tê-lo nunca foi tão bom

tê-lo marcado em mim é a minha pior sentença.

Te vi na rua sem estar

te vi nos beijos que me faziam escapar

te vi na amiga que vi você beijar

cortante

em trevas

A vendo perdida nos braços que eram meus.

no infinito que era tê-lo entranhado em minhas vísceras

no sabor de sua existência.

vil

pecaminosa.

Eterno

o nosso fim já foi traçado

vil e perpétuo

como o feixe de energia magnetizante que te prende a mim.

Doce

Selvagem

perpétuo

belo

vil.

meu.



XVIII.

Marielle Boaventura

Aluna do 12º período

Poética licença

Escondida em meio a densa neblina

Há um velho sentimento

Sozinho, já esquecido

Que já não lembrava como era

Mas antes que possa me debruçar

No belo ofício de te amar

A chuva recomeça, me apresso

Devo correr para me abrigar

Escondo-me abaixo de um telhado

Pois seus braços tão longe estão

Fico sozinha em meio às gotas

E pouco vejo, além das sombras

Já está tão frio, já é tão tarde

O que aquecia o meu coração aquece minhas
lágrimas

Eu ainda o amo, mas devo viver

Normalmente

XIX.

Dr. Edmundo Gaudêncio

Professor da disciplina de Psiquiatria

Pedindo desculpas ao mestre

Me desculpe Nietzsche, mas não

somos cordas esticadas

sobre abismo coisa nenhuma!

Só se for para os mais equilibristas

nos usarem como pontes...!

Somos pessoas dependurando-se
como podem nessa corda estendida
sobre desfiladeiros.De um lado, os rochedos do passado,
inamovíveis;do outro, as falésias do futuro,
impensáveis!Por toda a extensão da corda e
abaixo dela, o nada...!Mas como nos agarramos com força
à corda...!De início com braços e coxas e
pernas e pés e mãos...

Depois com pés e mãos...

Mãos e Mão

E de-

XX.

Matheus Gouveia

Aluno do 3º período

Já fui...

Já fui pequeno...

Existi num minúsculo ponto da menor cabeça de agulha,
Por sinal a mais quente e densa de um universo tal qual denso e quente.

Sou mais hoje do que naquele princípio,

E, nesse princípio, fui mais do que serei em toda a eternidade.

Porque fui num tempo sem tempos, e o tempo gasta com o passar do tempo.

Igualmente ao correr de um rio sem chuvas,

Quanto mais caudaloso for, menos rio aquele corpo d'água é.

Já fui confusão...

Uma partícula voando para o além sem direção,

Energia furiosa e irrestrita brilhando e queimando num espaço virgem.

Fui calor e chamas.

Sou mais hoje do que naquele início de tempo,

Mas, naqueles fragmentos de segundos, fui mais do que serei em toda a eternidade.

Por que fui o tijolo da realidade, base da essência,

Tudo que se sucedia dependia da minha existência e transformação.

Como uma rocha escolhida por um construtor,

A cada centímetro adicionado na altura do castelo, pouco de mim restava
até tornar-me memória e paredes de mundo.

Já fui poeira no vácuo...

Fui mastigado por estrelas, as quais eu mesmo dei à luz,
comprimido sob suas grandes barrigas gasosas.

No fim, cuspidos e forçados a rodeá-las, acompanhar seus passos na escuridão
expansiva.

Naquele momento, um momento jovem e prematuro,
de um universo tal qual prematuro e jovem,

Vi o nascimento de anões à gigantes, de ralos da matéria, das bússolas do cosmos.

Vi o berço e vi suas crianças gritarem e berrarem.

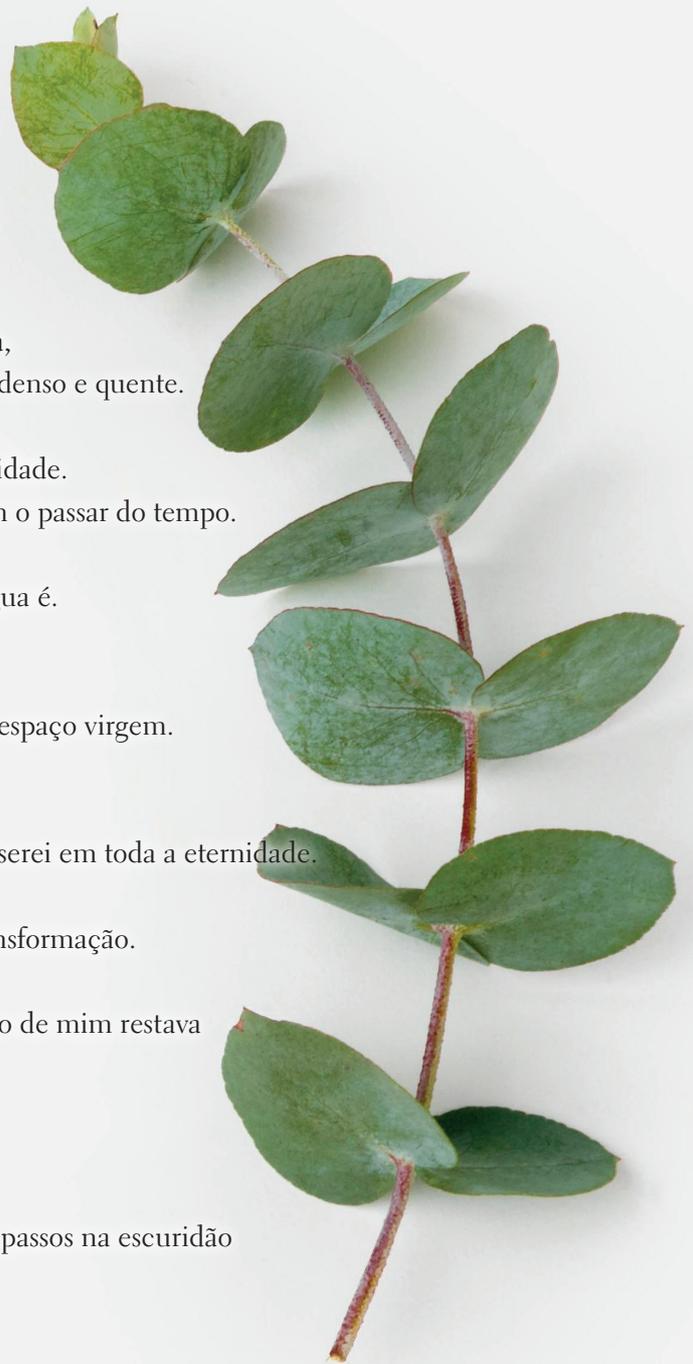
Hoje sou inexplicavelmente vida...

Mas um momento deixarei de ser, transformado em outro, ou outros.

Sempre em mudança, sempre em transformação.

Tão limitado em mim mesmo, limitado pelo meu mundo,
mundo este que só termina onde eu traço o horizonte.

E quando eu não for mais eu, serei parte do todo,
como já fui.



XXI.

Waltécio Cavalcanti (pseudônimo)

Aluno do 4º período

Dicotomia

Eu estou vivendo esgotado,
 Esgotado de vários aspectos da minha vida,
 Às vezes esgotado da própria vida.
 Eu quero descansar,
 Preciso descansar.
 Mas todas as vezes que eu estou prestes a iniciar o meu tão esperado descanso...
 Minha mente anseia por mais aventuras,
 Aventuras essas que meu corpo não aguenta.

Trava-se uma batalha todos os dias entre o meu físico e o meu mental,
 Batalha de conquista, tendo, como o prêmio, a minha vida.
 Quem será que vai se intitular como o grande vencedor?
 De um lado eu estou tão esgotado que meu único desejo é entrar em um sono profundo,
 Do outro lado eu estou tão entediado que, semelhante a um viciado, preciso de novas e novas aventuras para movimentar a minha mente.

Não existem vencedores nessa guerra, apenas um derrotado.
 Eu.

XXII.

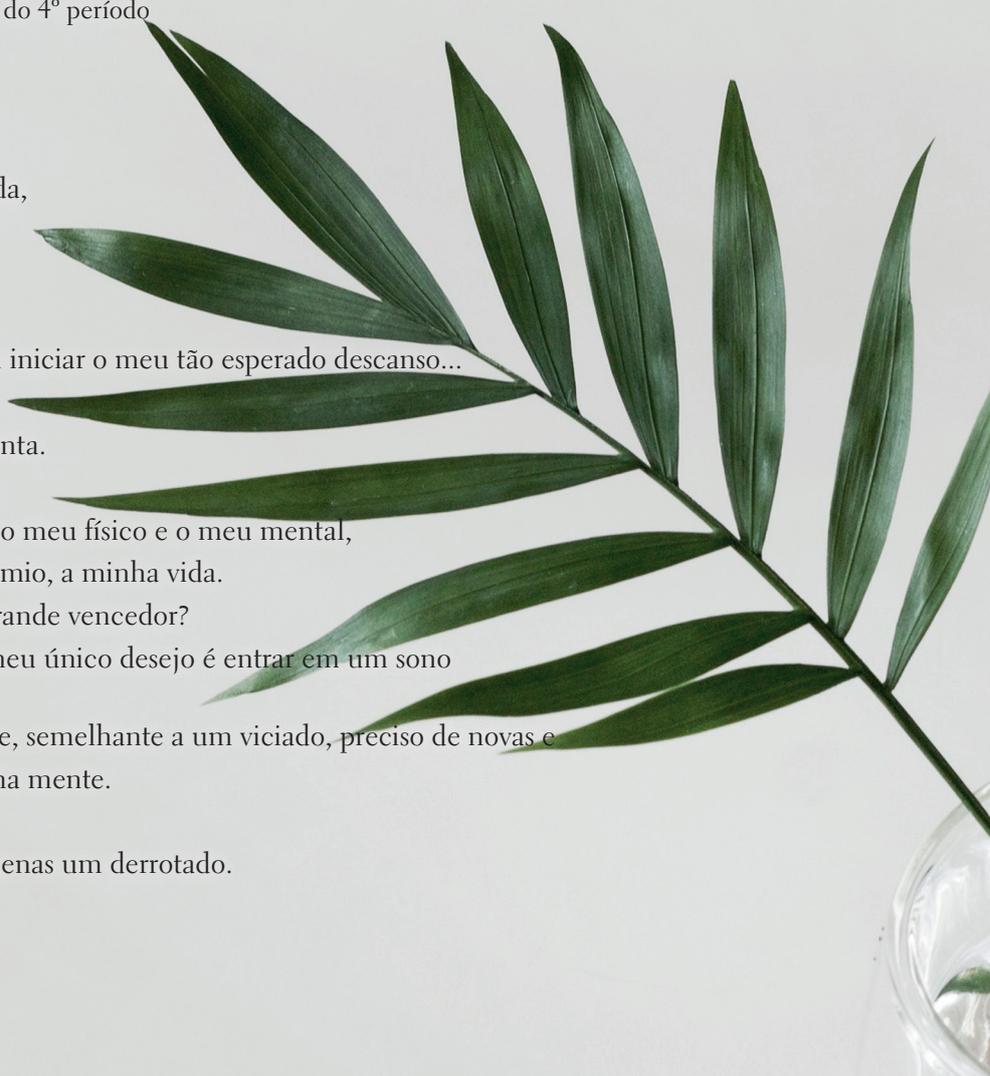
Igor Dantas

Aluno do 7º período

Un peu de Debussy

A magia transfiguradora,
 A nota, o compasso
 Lá, si, dó...
 Pausas, sustenidos
 Noturnos, suítes
 Prelúdios, estampas
 Aquilo que, incompreensível, tudo me possibilita
 compreender
 Intraduzível, tudo traduz ao meu idioma
 Mas sou analfabeto

É noite escura, brumosa
 O essencial está sob véu
 Grosso véu esfumaçado
 Vejo apenas a silhueta: ela me agrada
 Não ousa me aproximar
 Está bom assim
 Sinto-me vagamente bem
 Eu acho
 Lá, si, dó (?)
 Les sons et les parfums
 tournent dans l'air du soir
 Agora já não vejo nada...





XXIII.

Dr. Edmundo Gaudêncio

Professor da disciplina de Psiquiatria

Brincando com as sombras

Quando pequeno, à luz do candeeiro,
minha avó fazia desenhos com
sombras na parede do quarto:

... um pássaro voando, um coelho,
um cachorro, um gato, um jacaré
engolindo uma jibóia, um elefante,
uma girafa...

Desde criança, adoro sombras –
todos sabem:

Aqui acolá, chego eu com relatos
sobre sombras!

Respeito as sombras: são a face
reversa de nosso reflexo!
Tenho tanto respeito que,
quando piso acidentalmente em minha sombra, peço
desculpas
imediatamente...!

Dou bom dia, boa tarde, Minha
Sombra!
Por que não ser gentil com a sua
sombra?

Narciso não se apaixonou pelo seu
próprio reflexo?
Pois bem, apaixone-se por sua
sombra...!
Ela só estará aqui pelo tempo em
você estiver...!

Penso nessas coisas tolas que
ninguém pensa...!
Faço o que chamo de Filossofismo!

Penso nisso antes de dormir:
A sombra do morto é sepultada junto
com ele...!

E quando minha vida acordada vai
entrando na vida de eu dormindo,
dou boa noite à minha sombra,
apago a luz do quarto - enquanto
minha sombra, na escuridão, decerto
sonhará penumbras e escuros...!

XXIV.

Matheus Gouveia

Aluno do 3º período

Até não fazer falta

O gato se espreguiça na porta
 Seu ronronado diz bom dia
 Eu rosno descontente
 O sol escorre pelo corredor
 O cobertor se aconchega em mim
 Pede só mais cinco minutinhos
 Respondo “claro querido”
 Só o silêncio cantarolava lá fora
 Eu me levanto
 Melhor, me ergo
 Devagar, quase com dor
 Me falta um apoio
 Alguém para me puxar da cama
 O outro travesseiro está desocupado
 Está gelado, não sente calor a vários dias
 Um suspiro, olhos apertados, pés suspensos
 As paredes fingem que não estão me vendo
 Mas o relógio reclama da minha demora
 Ele parece irritado
 Escuto com paciência
 Me chama de desocupada
 De desleixada
 De vagabunda
 Me lembra que não tem mais café pronto
 Que agora eu tenho de colocar o açúcar
 Que já não preciso me despedir ao sair
 Ele fala muito
 Vou substituí-lo
 Mas não hoje
 Hoje é feriado
 Me viro no colchão
 Usar o resto do dia pra aquecer o lado vazio
 Até não fazer falta.

XXV.

Dra. Deborah Dantas

Professora da disciplina de Semiologia Médica

Josefina

O mel nos olhos da menina,
 Laço de fita nos cabelos,
 Vestidinho branco,
 Rendinhas, rococó.
 Me olha da foto amarelada,
 De longe, no tempo e no espaço.
 A menina me vê e à minha filha,
 Adivinhando talvez a filha da minha filha.
 E eu a vejo, na fotografia,
 Com reverência e alegria,
 Pois a luz que brilha em seus olhos
 Continuará a brilhar, em outros e outros olhos.
 O projeto que segue em frente,
 Passo- a- passo, dia-a-dia,
 como foi determinado
 desde o início dos tempos.
 E os olhos da menina
 Sorriem, marotos,
 Ludibriando o tempo e o espaço.



XXVI.

Ana Livia e Danusa Petra

Alunas, respectivamente, do 8º e do 7º períodos

Novo Modismo

No postinho de saúde,
um senhor apareceu
Entrou na sala do doutor,
E logo contou o que aconteceu

Seu doutor,
me sinto tonto, fraco e com dor
Carne só como raramente, ela tá cara
pro trabalhador
Até o pão com ovo, que me restava,
aumentou o seu valor

Já faz um tempo que tô desempregado
O que o mundo tá vivendo, me fez perder o meu trabalho
Hoje em dia fico em casa, isso me deixa entediado
Nem caminhar posso mais, esse é o meu estado

Até uns quilos a mais só faço ganhar
Minha mulher disse que é p eu parar de me sabotar
Porque Miojo e salsicha acabo comendo sem parar
Eu sei que tem muito sal, mas não gosto nem de pensar

Então o doutor lhe respondeu
A má alimentação é o que lhe enfraqueceu
Não tem ferro na comida, o nutriente desapareceu
Somado à falta de exercício, foi tudo isso que lhe acometeu

Vou então propor um acordo com você
Ao invés da carne, tem acerola e laranja que tem vitamina C
Assim o senhor não fica sem ferro, e sem deixar de comer
E por um preço mais baixo, a anemia vai desaparecer

E com relação aos exercícios
Não é bom se render ao sedentarismo
Já que o senhor não sai da casa porque é do grupo de risco
Que tal se exercitar dentro de casa, esse é o novo modismo



XXVII.

Mateus Marques

Aluno do 1º período

Cuidados Básicos

Eu vou falar para “ocês”, prestem muita
atenção

Nestes versos bem pequenos
A importância da prevenção.

Com saúde não se brinca
E por isso nessa rima
Os cuidados básicos se falarão.

A água é o principal
Pois sem ele não há qual
O corpo se locomover.

Recomenda-se dois litros
Então, vêm logo meu filho
Do filtro, o líquido beber.

E mesmo que pareça caricato
Deixa eu te contar de tuas mãos
Ao terminar qualquer contato
Lave-a com água e sabão

O teu toque meu irmão
Ela é a porta das bactérias
Que pode causar até diarreia!
Então, siga minha instrução.

E para finalizar
Não podia deixar de citar
A importância da vacinação

Ela é feita com cuidado e amor
Para evitar a dor e o rancor
Do choro sem “precisão”

Então sempre que for preciso
Vá no posto, mesmo com imprevistos
Para sua dose receber.

O melhor é que é de graça
Pois o SUS abre suas asas
Para qualquer pessoa acolher.



XXVIII.

Dra. Berenice Ferreira

Professora das disciplinas Saúde Coletiva II e
Introdução às Práticas Integrativas e Complementares

Melhor

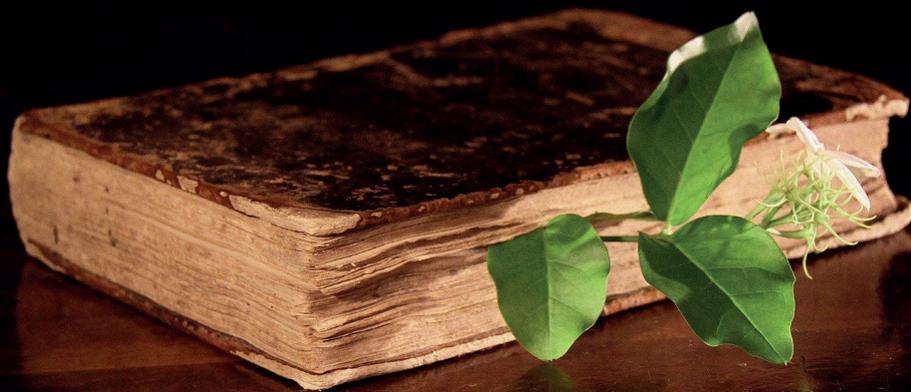
Melhor que vencer é lutar
Melhor que encontrar é a procura
Melhor que chegar é a caminhada
Melhor que saber é estudar

Melhor que viver é a vida sentir
Melhor que ser amado é amar
Melhor que chorar é secar um pranto
Melhor que rir é fazer um sorrir

Lutar à procura do saber
Sentir a vida e amar
Vencer é saber onde chegar
Viver é se perder sabendo aonde ir



CRÔNICAS E ENSAIOS



ALGUMAS CRÔNICAS,
OUTRAS AGUDAS

“UMA GAIOLA SAIU À PROCURA DE UM PÁSSARO”
FRANZ KAFKA

REMORSO

Chico Buarque, uma vez, relatou a percepção de seu divórcio. Não foi assinando os papéis ou alterando os móveis. Ele alega que só se deu conta da separação quando percebeu, na mais simples noite, que não podia mais tocar suas novas canções a quem o encantava ou, quando ao dobrar em direção a sua casa, não viria mais sua amada em seu aguardo.

Ler esse texto proporcionou uma angústia em mim muito forte e pensei também o que faltaria em mim. Eu não sou compositor, mas também em mim ocorreria uma tremenda dor se eu tivesse essa perda. As minhas receitas teriam menos tempero, meus pensamentos ficariam no vazio de Minh`alma e minha companhia seria eu mesmo – uma lástima.

Se bem que, logo em seguida, percebo o egoísmo dessa concepção. A ausência de quem amo tanto não deve significar o que eu perderia, mas sim o que eu não daria. A quem eu doaria o meu suor, meu vigor, meu tempo sem nenhum temor?

Cotidianamente, filtrado sem todo aquele coloquialismo romancista, não é isso, de fato, o amor?

O que se confunde com tal perda não é amor, é remorso. O antagonista do remorso é o cuidado. Aquele que cuida, dedica-se, serve e não sente remorso, independente do ponto final da história. Ele sabe ao que se entregou, o porquê e para quê. Pode haver saudade, tristeza não faltará, mas a inquietude da consciência não irá pairar em seu recinto.

Não sei o que o mestre da MPB, realmente, sentia. Ele, ironicamente, foi o vetor e motivo da separação – é o que diz as más línguas. Todavia, jamais me daria o luxo de elencar esses sentimentos: egoísmo, remorso e saudade, em níveis de ferocidade. Os três se confundem, alternam-se e se nutrem.

O momento, portanto, de evitar esse montante é o investimento atual. Imagino que seja, por isso, a dificuldade de amar: não pode ser amanhã, tem que ser hoje.

Amanhã só restará músicas para palcos vazios e varandas esdrúxulas.

Gustavo Henrique

Aluno do 4º período



O EU: MORTE E RENASCIMENTO



O MEU NIRVANA

*No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!*

*Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Idea Soberana!*

*Destruída a sensação que oriunda fora
Do tacto - ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebeias -*

*Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Ideas!*

Arte evoca dialética que, ao apreciador, impõe perspicácia. Picasso, em Guernica, manifesta os efeitos da guerra. Dostoiévski, em sua obra, emana um aspersório de liberdade. O “Eu” de Augusto dos Anjos, superlativo, reclama garimpagens. Discorrendo sobre o belo no universo da arte, assinalou Baudelaire: “Le beau est fait d’un élément éternel, invariable, dont la qualité est excessivement difficile à déterminer, et d’un élément relatif, circonstanciel, qui sera, si l’on veut, tour à tour ou tout ensemble, l’époque, la mode, la morale, la passion”.

Sobre a escritura de Augusto dos Anjos, assim se expressou Lucia Helena: “Fenômeno prematuro e isolado em seu tempo, Augusto desenvolve um caudal de imagens e visões, arrastadas pelo êxtase de amor e mágoa, e conduzidas por um irresistível fluxo de invenção verbal”.

Referindo-se ao texto, bafejou Antonio Carlos Secchin: “A obra de Augusto dos Anjos tem-se constituído num dos mais persistentes desafios aos estudiosos de nossa literatura”. Deveras enigmática, a obra anjelina resguarda desígnio primacial em seu leito subterrâneo. No seu curso, desassossegado, o poeta esmiuçou a ideia, transluzindo insuficiência de linguagem:

*De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!*

*Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!*

Como desvendar o mistério do “Eu”, um livro que, rompendo a tradição, inaugurou nova poética no Brasil? Como considerar sua escola literária e, finalmente, a intrincada imaginação do seu autor? Há evidências de aspectos discursivos, aportando composições em determinada escola poética.

Na primeira fase do poeta, surgem poemas assemelhados ao parnasianismo. Ainda na fase inicial, a poesia anjelina se apresenta aliterante e fonética, com palavras-símbolo grafadas com maiúscula, ao modo do simbolismo. Na linha do tempo, sob a ótica do movimento literário de 1922, antecipando-se aos cânones vigentes, Augusto foi passível de ser aludido pré-modernista. Insuficiente paisagem crítica! Hoje o poeta é considerado moderno. Abrahão Costa Andrade, enfático, assinalou: “Não foi Manuel Bandeira e sim Augusto dos Anjos o primeiro poeta moderno brasileiro”.

Contudo, importa a essência da matéria poética de uma poesia estranha, instigante, ao atizar os sentidos. Dela emanam, especialmente, sensações visual e musical, invocando atenção de olhos e ouvidos. No poema “Gemidos de arte”, tomado como exemplo, o autor evoca em uma das estrofes: “Um pássaro alvo artífice da teia/ De ninho em ninho salta, no árdego trabalho/ de árvore em árvore e de galho em galho/ Com a rapidez duma semicolcheia”. Augusto, sutil, aproxima o pássaro à semicolcheia. Depois, subliminarmente, alarga essa relação através de sentido denotativo oculto, permitindo ilação ao fazer uma analogia entre a ave e a figura de ritmo, ambas marcadas por pausa e movimento.

Estudos importantes foram realizados por Antônio Houaiss e Cavalcante Proença. Merecem, também, destaque as análises de Ferreira Gullar, Lúcia Helena e Chico Viana, entre muitos outros, ao darem seu contributo à fortuna crítica do “Eu”, obra lançada no Rio de Janeiro em 1912. Mas, somente depois da segunda edição, em 1920, a obra ganhou visibilidade. Nos anos 50, do século passado, logrou, finalmente, exaltação da crítica e paixão dos leitores. Alexei Bueno, Lêdo Ivo e outros estudiosos observam esse alargamento de atenções ao livro de Augusto.

A poesia de Augusto dos Anjos conduz o leitor à memorização de trechos de poemas ou de poemas completos. Versos indecifráveis passam a ser recitados por pessoas de distintas organicidades culturais, nos mais variáveis lugares. No entanto, o enigma do “Eu” persiste, iniciando no título. Ora, se o rótulo indica o conteúdo, o monossílabo provoca a imaginação, permitindo inferências.

Flávio Tavares, consagrado artista plástico, projetou no espelho o rosto de Augusto cercado por figuras exóticas. Essa tela insinuante nos dá a impressão do “Eu” espargido em universo mágico. Tudo se passa como se o poeta, num embate de morte e renascimento, mirando-se, fitasse o homem e o cosmo. Vislumbrasse o condutor de DNA da espécie humana, mero arcabouço carnal incompatível com sua mente grandiosa e atônita ante essa visão. Desse ambiente emerge o soneto “A ideia”: De onde ela vem?! De que matéria bruta... Delibera, e depois quer, e executa!...

Em “A divina comédia”, Dante Alighieri inicia sua obra grandiosa exortando: “A meio caminhar de nossa vida fui me encontrar em uma selva escura: estava a reta minha via perdida” (“Nel mezzo del cammin di nostra vita mi ritrovai per una selva oscura, Che La diritta via era smarrita”). O arquiteto Mário Di Lascio, em sua perspicácia, observou indecisão do poeta na escolha do caminho. Em face dessa conclusão, parece ocorrer, também, angústia na poética augustiniana. Nesse sentido, afirmou Ferreira Gullar: “Com Augusto penetramos aquele terreno em que a poesia é um compromisso total com a existência”.

O criador de “Monólogo de uma sombra” posicionou sua poesia à frente da época literária e para além da linguagem convencional. Sua expressão, excêntrica, mostrou-se acima da mera comunicação de ideias ou sentimentos. Impôs convicções com feitiço vocabular em discurso surrealista suplantado, apenas, por outros obscuros enredos. Desse modo, ao compor poesia intensa, personalíssima, Augusto dos Anjos desvirginou a linguagem comum e a fez possuída por novas vestimentas. Também manejou linguagem poética científica e coloquial, ambas sedutoras. Plasmou sua poesia misteriosa.

A respeito dessa forte poesia, enfatiza Ferreira Gullar: “Em Augusto, a expressão não aparece como um trabalho objetivo, exterior ao homem, mas quase como uma segregação orgânica, e a linguagem se confunde com o aparelho da fala, a laringe, a língua”. Poeta consagrado, Gullar aprecia a poesia de Augusto como o marceneiro, artesão da madeira, aprecia um móvel singular, peça de mobiliário notável. Otto Maria Carpeaux anotou: “O mais original, o mais independente dos poetas mortos do Brasil”. Alexei Bueno acrescentou: “Como se escrevesse numa língua original”.

O autor do “Eu” ousa expressar-se em léxicos distintos. Seu repertório vocabular produz um panorama lírico múltiplo: bucólico, onírico, cáustico, instigante, misterioso. A crítica literária e os estudos acadêmicos se exercitam irrequietos, procurando interpretar o sortilégio. Alheios a esses cânones e despojados de competência analítica formal, multiplicam-se apreciadores e leitores.

Quase impossível decifrar o enigma do “Eu”! A obra parece ter sido construída para não ser decifrada. Nessa luta, sem êxito, restam medo e esperança; emoção e sentimento, na visão de Spinoza: “Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”. Enfim, “Lutar com palavras é a luta mais vã”, sentenciou Drummond. Eis, portanto, um novo colóquio. Conversa íntima de simples apreciador em busca de decifrar Augusto. Nesse mister, mostra-se franco e diletante, entretido e despreocupado, afinal, a obra literária existe para apreciação e deleite dos leitores, deixando-se a responsabilidade e a preocupação para a crítica formal, incumbida de penetrar no trabalho de um autor, na tentativa de desbravar seus sentimentos.

Dr. Astênio Fernandes

Médico oftalmologista

Membro da Academia Paraibana de Letras

(Convidado pelo Conselho Editorial)



FAZERO QUE DEVE



Pedro Krishna
Aluno do 8º período

Fazer o que deve! Estar no que faz! Buscar o que é belo!

‘Fazer’ incute ação, postura. ‘Dever’ implica sacrifício, o adiamento da gratificação, o que nós fazemos hoje para um amanhã melhor. ‘Estar’ indica presença, concentração, tenacidade. ‘Buscar o que é belo’ representa o caminho para a salvação da alma.

‘Busca’ porque nunca iremos encontrar o belo, pelo menos em vida carnal, mas incorre sempre num caminho, nunca na chegada. E, com ‘belo’, contemplo o conceito geral no documentário “Por que a beleza importa?” (Roger Scruton): é um caminho para o divino, o de contemplar o amor na existência e seus vários aspectos: família, arte, vida intelectual, saúde, gratidão...

Davi, 2º rei de Israel, 1º escolhido por Deus ‘um homem segundo o seu coração, cumpridor da sua vontade’. Pastor, filho mais novo, meio esquecido pelo pai – poeta, guerreiro e referenciado muitas vezes por Jesus.

Os hebreus, ávidos por um rei – monarca com dever pessoal e de responsabilidade – que julgará e será chefe de guerra, escolhem o 1º rei pela aparência, e Deus aceita com desgosto: ‘ouve a voz do povo, pois já não querem que eu reine sobre eles. (Interpretação do aspecto metafórico sobre a essência de “Deus como pai”, aquele que você barganha, teimosamente, o pai permite só pra você quebrar a cara e aprender)’. Saul, que não havia mais belo em toda Israel’ tinha essência débil, fracassado nato, terceirizava culpas (igual Adão ao responsabilizar a mulher e Deus sobre o pecado original).

Davi surge nesse contexto e fora escolhido para tocar harpa para Saul nos momentos de agonia - música é a linguagem da alma, afinal. Numa das várias guerras contra os filisteus, Davi se oferece para lutar sozinho, evitando um iminente massacre de Israel, contra o gigante Golias. Munido de pedra e alforje, vence Golias ‘de espada, lança e escudo’.

A escultura é a personificação desse episódio: tensão, apreensão, mas também coragem. Veias dilatadas, mímica facial franzida, narinas expandidas e olhar penetrante (os olhos sendo janela da alma...a alma de Davi tem certeza que irá vencer). Davi fez o que devia, esteve presente no ato e alcançou o belo!

MISSÃO DE PEDRO

Marielle Boaventura

Aluna do 12º período

Éramos apenas jovens almas que viviam a mediocridade de uma vida normal. Nada mais do que simples cultivadores de sicômoros. Plantávamos e colhíamos os frutos amargos da existência unicamente terrena. Nada havia de especial em nossas vidas, ninguém tinha motivo para deixar os olhos por mais de segundos em nossa frente. Comíamos, bebíamos, estudávamos e contemplávamos em silêncio o nosso vazio interior. Alguns choravam todos os dias antes de dormir, achávamos que não havia ninguém para nos escutar. No fundo, havia uma voz que dizia que éramos diferentes, mas ninguém ousava aproximar-se. Era longe, não era a voz mais doce. O mundo oferecia tantas “delícias”, seria loucura recusar!

Mas, um dia, um rapaz teve uma sensação estranha. Pingava algo em seu rosto, notou que era vermelho e quente. Era sangue. Tinha acabado de ser alvejado pelo sangue do cordeiro mais puro que pisou a face da terra. Tentou fugir, mas o olhar era estranhamente atraído para o alto, até que notou de onde as gotas escarlate vinham. Era o sacrifício cruento do próprio Deus, escancarado diante de si mesmo por todos esse tempo, mas só agora notara. Sua voz era sofrida e ela só demonstrava o desespero de alguém assassinado por quem mais amou. Quase não conseguia falar, mas tinha os olhos mais doces do mundo. Que alegria se deixar olhar por seu filho tão amado!

O rapaz sabia que era o início de uma jornada, mas não poderia saber para onde. Só sabia que tinha a missão de fazer com que aquele homem fosse notado, amado e reparado por todos. A verdadeira felicidade deveria ser compartilhada.

Um a um, cada pessoa era carinhosamente levada a contemplar o alto. Eram alvejadas com o sangue do cordeiro e deveriam seguir na direção completamente oposta da multidão. Escolhidos a dedo, capacitados para viver e compartilhar a alegria de mergulhar em águas mais profundas.

Com a sincera vocação de ser o madeiro que sangra e que se doa através do mais simples sorriso. De sorriso em sorriso. De irmão em irmão, construir a escada até o céu.



HÁ BELEZA NA VIDA ORDINÁRIA

Gustavo Henrique

Aluno do 4º período

Eis que vos apresento o êmulo da modernidade: a vida ordinária. A rotina e o habitual costumam ser negligenciados ou, ao menos, pouco vangloriados. Esse estilo de vida, em que impera a sobriedade e a baixa amplitude, é antipopular e contrário a correnteza atual em que vivemos. O novo e inédito é o que motiva a trupe dos virtuais. Aquilo que for de mais raro e icônico precisa ser vivido – e compartilhado obviamente.

No entanto, caro leitor, construo, lentamente, uma concepção contrária. Não sou amante da monotonia, muito pelo contrário. Sou apaixonado em eventos esporádicos, programas diferentes e o dia terminando variavelmente. Não tenho medo da mudança, de novas experiências, ou tampouco sair da zona de conforto, não pense isso de mim.

Contudo, apesar dos embalos de sábado à noite, haverá, posteriormente, ainda mais 6 dias a serem vividos. E nesse grande espaço de tempo, o que nos restará? Será uma espera incessante para mais uma nova onda de dopamina? Ou buscaremos outras atividades que nos permitirá mais outra fuga de si? Quando observamos a tranquilidade, o comum e os finais de dias esperados, é sempre tedioso. Contudo, eu manifesto a beleza da vida cotidiana. Eu manifesto esse olhar, pois ele o liberta. Ele solta nosso raciocínio, nossa lógica e serenidade. Então, desses pilares é que nasce os mais belos frutos. Quando nos inserimos aos que já temos, conseguimos ou encontramos, partimos da busca para a valorização.

Na realidade, eu até entendo o desprezo pelo ordinário. Inevitavelmente, chega-se a uma translocação: o que passa a ser extraordinário não é mais o eu, e sim o outro.

Essa alteração espanta, mas ressignifica. A vida cotidiana não é abstrata, ela é real. É o cumprimento ao amanhecer e é o bate-papo ao anoitecer. A felicidade então perpetua-se por mais tempo, pois não é mais necessário procurá-la, ela já se alojou.

Se bem que ver as pessoas que ama constantemente ou controlar os desníveis da vida pode se caracterizar como um privilégio, porque, aos que caminham nas adversidades, a normalidade da vida é um deleite pelo propósito de, ao menos, ter uma vida digna.



PULVIS ET UMBRA

Dr. Túlio Maranhão

Residente de Neurologia
(Para Alyne Dutra – a minha Dama de Ferro)
(convidado pelo Conselho Editorial)

Em tempos de meninangentamente, as nuvens comigo costumavam brincar. Moldavam-se ao sol. Emolduravam-se ao céu. Chuva não havia – apenas os dias ensolarados e as noites enlustradas. “Mamãe, mamãe, olha lá! É um passarinho! Puxa, mãe, já mudou! Um lagarto, sim, olha lá, um lagartinho no céu! Vê aqueloutro, mãe! É um lobinho! Um lobinho, como aquele do meu livrinho! Mãe, quem foi que pintou o céu d’azul e nele colocou algodõezinhos? E o sol, mamãe? Por que machuca tanto a sua luz?”.

Mas minha mãe jamais me atendeu – pois que jamais me entenderia: a ela não fora permitido conhecer a magia do céu. Tanto menos a vívida fantasia da vida... Cedo, muito cedo, amputaram-lhe as asas – e voar jamais lhe foi possível – ainda que preciso fosse! “Não me amola, garoto! Eu lá tenho tempo para ver o que ali não está? Não há lagartos no céu, tampouco lobos! Há apenas minhocas em sua cabeça de vento, isso sim! Cuidado! Não me seja comido pelos pássaros que enxergas e que não vês! Tampouco queiras voar tão perto do sol que lhe derretam as asas! E te digo mais: por que voar, se tão melhor é ter-se o solo sob as solas? Só lamento se ainda não te apercebeste disso... Ah, filho, acaso te incomoda o brilho do sol? Anota outra lição desde muito cedo: quem tanto brilha, mais ofusca. E queima. E arde. E dói! E, por isso mesmo, torna-se odiado. Não seja como o sol – venerado por todos aqueles a quem agasalha, odiado por cegar àqueles mesmos que, aquecidos e esquecidos das devidas precauções, intentam mergulhar seus olhares nos mares de suas desconhecidas chamas... Melhor será que sejas como a lua: que apenas reflete o brilho que lhe é ofertado, iluminando, não com a sua luz, mas com aquela doutrem – sendo, justo pela sua simplicidade, adorada por todos – e inspirando as mais belas canções d’amor! Ah, não te esqueças nunca disto: tal qual a lua, jamais revele a tua face oculta – pois que aos homens lhes agradam os mistérios – e estes dos abismos nos salvaguardam! Agora, vamos, deixe-se de bobagem! Olhe tão somente para a frente! Cuidado! Não tropece à pedra ao meio do caminho – melhor que a desvie (ou que a guarde contigo, pois que assim ela não virá de encontro ao teu dorso, lançada por qualquer querido amigo que tenhas deixado para trás!). Enxuga estas lágrimas! E aprenda desde cedo: ninguém mais as secará por ti! É tu por ti, tão-somente.”

Cresci soturno, alimentado tão somente pelo lado obscuro de minhas próprias luas. Com as asas precocemente amputadas, por longos anos não pude alçar meus próprios voos. Quedei preso ao solo, pois que menores seriam as quedas – e, pensei, mais fácil me levantaria. E o quão tolo não fui?! Temi as nuvens tanto quanto pude – até que, tantos foram os tombos e as rasteiras da vida, para levantar-me, precisei alçar voo - com vistas ao sol! Para tanto, contei co’as asas daqueles que pedras não me jogaram – mas que, vendo-me apedrejado pelos meus próprios temores, secaram as minhas lágrimas. E longe, muito longe do solo que por tanto tempo me manteve preso, enxergo a minha mãezinha, apavorada pelo mundo que, desde muito cedo – acreditara, coitada! – seria a sua salvação... “Vamos, mamãe! Vê como brilha o sol! Ah, como são deleitosas as flamas de seus abraços – queimando apenas os dorsos daqueles que jamais

arderam às fogueiras! E quão belas as nuvenzinhas vistas daqui de cima! Não tema as pedras lançadas à tua lua – tema tão somente não ter as nuvens por travesseiros para os sonhos outrora sonhados e que, apenas adormecidos, urgem ser acordados... Não olhes para a frente, olha para cima – até que, uma vez no topo do mundo, possas olhar para baixo e enxergar todos aqueles que atravancaram o teu caminho...

Vamos, mãezinha, não me importa o quanto chores... Tuas lágrimas servirão para irrigar teus sonhos. Sonhos estes que flores-serão. Flores estas que misericordiosamente entregarás àqueles que tuas asas talharam, mas que continuaram – e continuarão! – tão distantes de nós, presos ao chão (apenas esperando o dia de retornarmos ao pó donde viemos – e lastimando-nos: Ah, se o sopro que nos dá vida apenas houvesse espalhado infinito afora a poeira que somos nós...!)



CONTOS



ESTÓRIAS DISSECADAS

*“A IMAGINAÇÃO NÃO É O LUGAR ONDE A REALIDADE
SE FALSIFICA, MAS ONDE SE CUMPRE”*

NICOLÁS GÓMEZ DÁVILA

RECEITA DE PSEUDOCIESE E BISCOITOS DE NATA

Dra. Luciene de Melo Paz

Professora das disciplinas de Ética e Relações Humanas e Psicologia Médica

Alice amava Antônio e, nos dias em que ele vinha jogar gamão em sua casa, ela acordava muito cedo para se preparar e arrumar a casa para recebê-lo. Dentre todos os preparativos, os biscoitos de nata para serem servidos durante o jogo que eles jogavam, entre olhares, eram o que demorava mais, em sensações, afazeres e sentimentos. A receita que recitava sem sequer pronunciar uma única palavra desabrochava em suas mãos na forma visível e encarnada de pequenos biscoitos de nata; os prediletos biscoitos de Antônio. Alice e Antônio comiam os biscoitos feitos com todo esmero; amor em partículas durante o jogo de gamão; comiam como quem come uma prece, engole palavras, saboreia oração em total comunhão. Quando fechava a porta e Antônio emburacava na noite salpicada de estrelas, Alice abria a porta do quarto e se deitava nua, grávida de seus próprios biscoitos em formas de luas e estrelas.



EU, O NÃO-EUGÊNIO

Igor Dantas

Aluno do 7º período

O Eugênio era o intelectualoide típico. Aqueles que o suportavam em nossa turma (especificamente, duas góticas amigas antissociais do fundão, o Fernando – que também ninguém suportava – e um míope garoto magrelo cujo nome agora esqueço) saíam em sua defesa, chamando-o de espirituoso. Em minha modesta opinião, apenas um porre, mesmo.

Era final do Ensino Médio. Estaríamos formados dentro de duas semanas.

Foi na penúltima sexta-feira, salvo engano, que o Eugênio me abordou no intervalo (lá no refeitório do colégio) e perguntando-me, sem mais nem menos, o que achava da teoria do conhecimento de Aristóteles, esperou alguns segundos (uns dois, para ser mais exato) e respondeu por mim mesmo, tecendo uma inusitada linha de raciocínio que ligava Homero a Caetano Veloso (ou era Chico Buarque?) e que deste, passando pela Epopeia de Gilgamesh e por Descartes, aterrissava em Sócrates: para, finalmente, pode avançar (ou voltar?) a Aristóteles.

Vendo que todo mundo que passava por nós lhe ria na cara, foi, como que por vingança, aumentando ainda mais o tom de voz e a complexidade de sua verborragia, acrescentando à sua alucinante exposição personagens aparentemente inconciliáveis: Mao Tsé-Tung, Confúcio, Mozart...

Mais para me livrar da situação que por sincero interesse, o interrompi pedindo-lhe, sei lá o porquê (talvez por uma sugestão inconsciente vinda do nome “Mozart”), uma lista de músicas clássicas que eu deveria ouvir para ser tão culto como ele (na época achava esses gêneros musicais coisa de gente fresca; especialmente jazz, que até hoje julgo música de elevador).

Neste instante lhe vi, nos lábios, um microscópico risinho de vaidade. Encarou-me alguns segundos, em

silêncio. Então sacou o celular do bolso como se fosse um puta *Taurus 92B* e, apontando para ele, se enfiou num banquinho próximo. Logo entendi: ele queria me responder por *WhatsApp* (sim, já existia *WhatsApp* nessa época). Abri, a contragosto, o aplicativo.

Em seu perfil apareceu “online” durante vários segundos. Quando eu já estava decidido a fugir, surgiu um breve “digitando”. Então brotou a seguinte mensagem:

“Vou lhe mandar uma *playlist* bem eclética”.

“Eclética... menos mal”, pensei, acho. De repente, Eugênio digitou novamente, mas dessa vez sem parar.

“Fodeu”, pensei, acho. “Acho que vem um textão”, pensei, acho.

Então plin:

“*Sugestão de playlist erudita para eruditos:*

- *Uma música de Bach**;
- *Uma música de não-Bach*;
- *Uma música de Bach*;
- *Uma música de não-Bach*;
- *Duas músicas de Bach*;
- *Uma música de não-Bach (parar na metade)*;
- *Uma música de Bach*;
- *Uma música de Beethoven*;
- *Uma música de Bach*;
- *Uma música de não-Bach*;
- *Quatro músicas de Bach*;
- *“Prelúdios”, de Debussy*;
- *Uma música de Bach*;
- *Uma música de não-Bach*.

**Uma música de Bach’ significa, precisamente, qualquer música de Bach mesmo”*

Anexa a essa lista estava uma grave advertência, antecedida por “P.S.”:

“*Quanto aos compositores que se caracterizam por não serem Johann Sebastian Bach, devo prevenir-lhe: são irregulares, constantemente tediosos. Às vezes podem ser até interessantes, sobretudo se não forem Johann Sebastian Bach, mas forem Debussy ou Beethoven. De qualquer modo, está autorizada, a seu critério, a substituição de uma música de não-Bach por uma de Bach, o que certamente evitará maiores decepções.*”

Sem me controlar, digitei: “Pô, não enche... Tá achando mesmo que vou nessa tua onda?”. Mas, respirando fundo, contive-me. Apaguei a frase, substituindo-a por um lacônico “Ok”. Então fugi como um rato para o banheiro, trancando-me por minutos.

Lembro de ter feito, no restante daquele dia, um acrobático esforço de ninja para escapar a qualquer custo do Eugênio, evitando-lhe olhares, cumprimentos ou uma proximidade física que nos ensejasse uma nova – e novamente insuportável – conversa.

Cheguei em casa naquela tarde simplesmente... aliviado!

Dois dias depois, no domingo, eu e minha família fomos almoçar na casa da tia Verônica, irmã de minha mãe.

Foi servida uma feijoada gordurosíssima. Passei o olho pela panela: linguiça de porco, costela de porco, orelha de porco e uma parte mole que eu imaginei ser porco, mas que não consegui identificar. “O que é isto?”, perguntei a tia Verônica, remexendo a coisa com o garfo. “É porco”, ela respondeu com um sorriso.

Uma hora após aquela intoxicação suína, eu, uns dois quilos mais gordo, me deixei cair no sofá. Teria que fazer sala para tio Everaldo (ou tio Everaldo fazer sala para mim?), que, apesar de simpático, não era a pessoa mais atrativa do universo. Talvez consciente disso, pôs logo um disco naquele seu vinil antediluviano, uma verdadeira relíquia.

Escutar música clássica com um mórbido sexagenário que usa gola borboleta em casa e fuma cachimbo de tabaco irlandês: haveria algo mais antiquado para um jovem de dezessete anos que isto? Whatever! Só sei que a música, no início bem chata, foi aos poucos me prendendo. Não por ser exatamente bela, mas complexa: as notas daquele piano iam se multiplicando, engolindo umas às outras. O cara que tocava aquilo devia ser um virtuose; e o que compôs, um gênio maluco.

“Tio, essa música é de quem?”, lhe perguntei, também para romper aquele silêncio constrangedor entre nós.

“Ô, meu filho, é de Bach. Prelúdio n° 2 d’O Cravo Bem Temperado”.

Então era de Bach? “Mas pera...”, pensei comigo, “Bach não é aquele da lista do Eugênio? Putz, aquele louco me persegue até na casa de meus tios!”. Lembro que naquele dia cheguei em casa e coloquei “Bach” no Google. Apareceu uma imagem de um gordo velho com peruca. “Então esse é o ídolo do Eugênio?”, pensei rindo.

* * *

Na semana seguinte, estranhamente Eugênio não comparece às aulas (não que alguém tenha sentido sua falta, é claro, a não ser seus poucos e excêntricos defensores na turma e um ou outro professor). O clima reinante na sala era de animação e expectativa pelo baile de formatura, programado para a semana seguinte.

O esperado dia chega. Todos muito ansiosos. Visivelmente as garotas (que juntas deviam ter gastado o valor de um Honda Civic com maquiagens e vestidos) se sentiam super gatas. Umas estavam, de fato (a Cecília, então, nem se fala!), enquanto outras, com quilos de batom e sombra e metros de rímel, pareciam algo entre um faraó metaleiro e uma coruja insone. Os rapazes, já medíocres em beleza, apresentaram-se neste dia de forma também medíocre. Lembro que vesti o sapato de meu pai (uns 5 cm maior que meu pé, o que me fez parecer um equilibrista de circo quando fui subir as escadas) e uma camisa social alugada (folote demais em minha silhueta cadavérica). De adequada em meu traje, somente a calça. Quando fui chamado para pegar o diploma, recebi apertos de mão e calorosas felicitações dos mesmos professores que passei o Ensino Médio inteiro xingando. De resto, a coisa toda transcorreu sem intercorrências.

Então eis que vejo, já no final do baile, o pé no saco do Eugênio; estava ao lado do Open Bar, conversando (abobrinhas, obviamente) com o barbudo professor de Sociologia Carlos Marques, do 1° ano (ou era do 2°, sei lá). Avistando-me, pediu licença ao professor e fez, em minha direção, um bizarro gesto de vênia que me deixou imediatamente constrangido. Ainda assim, fui até lá e pegamos juntos uns drinks (eu já estava bem bêbado nessa hora). Trocamos curtas observações sobre o evento, os professores, as reações, a comida, sobre como sentiríamos falta do colégio, blábláblá (e, claro, sobre as garotas).

Um instante de silêncio. Consultei o relógio: a madrugada já ia minguando. Provavelmente não teríamos novo momento para dialogar.

Fitei-lhe simpaticamente o rosto e, estendendo-lhe a mão, disse apenas:

“Foi um prazer, Eugênio.”

“Todo o prazer a mim me cabe”, retribuiu, com sua pompa e circunstância habitual, deixando-me outra vez envergonhado. Por fim, foi buscar um pacote e me entregou. “O que é?”, perguntei. “Leve!”, disse, apenas. Pelo que entendi, era um presente.

A partir daí não lembro mais de porcaria nenhuma. Depois me contaram que passei as últimas horas da festa bebendo compulsivamente.

* * *

No outro dia acordei às 2h da tarde parecendo um zumbi. A cabeça doía como se eu lutasse boxe há uma semana. Quando me levantei para beber água fiquei muito tonto; então, engolindo seco, corri pro banheiro. Subi a tampa do vaso e me ajoelhei. Os músculos da minha barriga se contorciam como serpentes. Então segurei na porcelana e vomitei uma cascata esverdeada com pressão assustadora. Mas, em seguida, que delícia! Que sensação agradável! Após poucos segundos, porém, as serpentes se agitaram de novo (que filhas da mãe!). Depois de uns 3 ou 4 ciclos desse, veio, sem aviso prévio, uma golfada de bile. Era o fim. Que dia traumático!

Horas depois pesquei, jogado sobre minha escrivaninha, o presente do Eugênio: era o romance “Desonra”, do J. M. Coetzee. Em meio àquela ressaca comecei a ler. Devorei o livro em quatro dias. Gostei tanto que comprei outros dois ou três títulos do mesmo autor. Aquilo, devo admiti-lo, me fez gostar mais de ler.

Lembro-me de ter refletido, naquelas férias: “Poxa, o Eugênio é um porre, mas será que não tinha algo especial? Talvez eu tenha sido injusto”. Será? Fui injusto com ele o Ensino Médio inteiro? Estariam com a razão pessoas como as duas roqueiras do fundão e o raquítico míope anônimo? Quem seria o Eugênio daqui a 40 anos, senão um culto idoso ressentido, uma versão piorada de tio Everaldo? “Se me encontrasse com o Eugênio novamente numa esquina, bar ou ônibus, acho que até puxaria um papo”, pensei, acho.

Tive vontade, à época, de lhe enviar uma mensagem, ainda que curta; mas fui prorrogando o envio e a vontade foi passando...

Isso tudo foi há 8 anos. Nunca mais encontrei o Eugênio.

Morreu ano retrasado, segundo boatos, de eruditite crônica.



CARTA À MINHA SOLIDÃO

Waltécio Cavalcanti
Aluno do 4º período

Solidão,

Como vai você? Já faz tanto tempo...pensei que tinha se esquecido de mim...

Eu nunca me esqueço de você, Ó minha doce e pura Solidão,

Aquela que me cega e me sufoca no frio da noite, aquela que me julga

silenciosamente no silencioso silêncio ensurdecador. Já faz muito

tempo, tanto tempo que eu pensei que nunca veria minha doce e pura

Solidão novamente para (não) me confortar, pois tu és a única que

sempre está comigo. Nunca estou sozinho, pois tenho a Solidão ao meu

lado para me entristecer, me deprimir e me fazer ter pensamentos

indesejáveis sobre a continuidade dessa existência. Ó Solidão, como eu

(não) senti saudades do seu frio e áspero abraço, que me tira todas as

esperanças de dias luminosos e felizes

para sempre...

SANTA LUZIA

Dr. Fábio Galvão Dantas

Médico neurologista. Contista premiado. Pianista clássico.
Professor dos cursos de Fisioterapia e Psicologia da UEPB (Convidado pelo Conselho Editorial)

João Pedro acordou com as galinhas, como era seu costume desde que se percebera por gente. Aos oitenta anos, o velho agricultor examinou-se ao espelho com a expressão dura e triste de todas as manhãs. O homem tinha traços fortes, um nariz afilado e olhos cinza. A pele, causticada pelo sol forte, denunciava cada uma das décadas em rugas abundantes, inúmeros sinais (talvez alguns malignos) e um viço que se esvaía a cada amanhecer. Abrindo a boca, percebeu que o incisivo lateral esquerdo, o único que ainda resistia bravamente à falta de cuidados, estava completamente móvel. Provavelmente cairia ao almoço, quando mastigaria um naco de carne seca com farofa e feijão. Os olhos! Ah, os olhos... outrora ávidos, curiosos, esperançosos, eram hoje janelas obscuras de uma alma que já não mais sonhava, abatidos e combalidos pela lida diária e pelas perdas financeiras e familiares que se acumulavam (semana passada, havia perdido o único filho que sobrevivera à seca prolongada dos últimos anos, por suicídio). Olhos frios, quase sem umidade, de cor indefinível, pouco funcionais por conta da catarata. Deitou um pouco de água barrenta numa bacia e lavou o rosto rapidamente. Depois, ingeriu o que sobrou da mesma água. Não poderia haver desperdício nas atuais condições de carência hídrica. Vestiu a única calça de algodão que possuía (já rasgada pelo uso e pelas brigas diárias com os garranchos e espinhos da caatinga), calçou a sandália de dedos, vestiu a única camisa de botão (de cor neutra, desbotada pelo sol escaldante de Santa Luzia) e saiu para a lida, num sítio a cerca de uma hora de caminhada de sua casa. Os primeiros raios de sol da manhã já eram viris e explosivos, queimando as partes descobertas da pele de João. Cada passo lhe era penoso, pois já se lhe apresentava todo o espectro cruel que a idade trouxera: as juntas doíam, a coluna parecia lhe arder em chamas, os pulmões exauriam-se para processar o ar. O suor lhe escorria pela pele enrugada da testa, caindo nos olhos. Mas nada detinha seu caminhar. Havia de ter mais um dia produtivo para conseguir os trocados que lucrava com sua atividade na agricultura. Um campo seco e árido o esperava, para escavar com dificuldade com uma enxada, jogar sementes no chão infértil e voltar para casa ao final do dia, onde faria oito orações para Nossa Senhora e mais dez para Jesus Cristo,

implorando para que eles enviassem chuva no dia seguinte. Caso não viesse a chuva, o resignado servo de nada reclamaria, nada cobraria, tudo aceitaria: seria a vontade de Deus! E o dia recomeçaria, igual, simples, resignado, compreendido e aceitado. Mas hoje, algo diferente esperava o idoso. Chegando ao roçado, o homem avistou um estranho objeto de metal. Enorme, parecia-lhe um ser de outro planeta: tinha uma cabeça gigante que girava alucinadamente, apoiada sobre um corpo magro, sem braços e sem pernas. Emitia um ruído metálico repetitivo, como fosse um estranho gemido sobrenatural. Apavorado e fascinado ao mesmo tempo, João aproximou-se lentamente daquela estranha aparição. De perto, o objeto era ainda mais assustador, pois era enorme! A tal cabeça era formada de pás encurvadas que giravam sobre um eixo central ao sabor do vento. O corpo era uma pirâmide de metal, com as bases fixadas ao solo seco do roçado. No centro, um cano projetava-se da cabeça ao solo, onde, para pavor do idoso, penetrava chão adentro, num movimento de vai e vem que parecia um movimento sexual (ao pensar nisso, imediatamente fez o sinal da cruz e penitenciou-se pelo pensamento pecaminoso que remetia a um passado recente, quando ainda encontrava algum alento nos raros encontros sexuais com a esposa falecida). Balançando a cabeça, voltou a estudar o estranho objeto. Da base, próximo ao local em que o cano penetrava no solo, havia uma torneira. Pensou em quão absurda e inútil seria aquela torneira numa região em que não caíra uma só gota de chuva há três anos. Curioso e assustado, abriu a torneira e quase caiu, ao ver que dela brotou água limpa, cristalina e abundante. Liberta do solo, a água parecia entrar em êxtase, brilhando fortemente ao sol, expondo-se em fortes jatos e caindo alegremente ao solo, onde, invadia a intimidade dos grãos de areia, os quais, pudessem ter essa consciência, sentir-se-iam como óvulos penetrados por espermatozoides, cumprindo simbolicamente o eterno ciclo da fecundação. João deu um passo para trás, assustado e confuso. Começou a compreender o que acontecia ali. Seu patrão, mancomunado com algum tipo força maligna, pretendia subverter a ordem da natureza, detalhadamente planejada pelo

criador. Se havia seca e fome no interior da Paraíba, Deus assim determinara, para que ali crescessem pessoas fortes e combativas. Nenhuma ação humana deveria se interpor aos desígnios divinos. Isso estava profundamente errado. João acreditava piamente que sua vida amarga, duríssima e cruel era um presente divino, pois o sofrimento purificaria seu espírito para o reencontro com o salvador, no dia em que a morte o abraçasse. Nada o faria se desviar do seu destino. Água haveria de vir exclusivamente do céu, nas raras vezes em que Deus decidisse dar um pouco de alento à vida dos sertanejos, quando estavam quase todos às portas do desespero. Por isso, Ele era só bondade: às portas da destruição total, permitia o derramar de algumas gotas de chuva de um céu quase sempre azul e alguma esperança brotava, sob forma de pequeninas plantas no chão. A maioria não cresceria o suficiente e morreria de sede, mas isso também era plano do criador. João não podia aceitar intervenções humanas sobre o plano do criador. Já havia decidido. Olhando ao redor, encontrou uma barra de ferro que sobrava da construção do estranho aparelho. Não pensou duas vezes: com dificuldade, tomou a barra de ferro, dirigiu-se à base da estrutura e começou a subir. Cada degrau escalado custava-lhe um esforço enorme. O suor lhe enxarcava o rosto e o corpo, o coração batia descontroladamente, as dores eram quase insuportáveis. Olhando para cima, vislumbrou a ameaçadora cabeça do enorme objeto, que parecia agora lhe desafiar, girando cada vez mais rápido e mudando de direção, de acordo com o vento forte que levantava poeira do chão ressequido. Outro degrau, outro degrau, mais um degrau. A exaustão era quase insuportável, mas o objetivo era maior do que sua própria vida: destruiria a cabeça daquele objeto maligno. Finalmente, João chegou ao alcance da monstruosa cabeça giratória. Um misto de fascínio e pavor o atingiu, quase ameaçando sua determinação. Parou por alguns segundos, esperando que a cabeça giratória lhe desse as costas, quando seria o momento certo para o golpe fatal. A mão sangrava, segurando a pesada barra de ferro, os pulmões estavam quase explodindo, as dores eram lancinantes, mas nada o deteria. De repente, uma forte rajada de vento soprou e a cabeça giratória começou a se virar para o outro lado. Era o momento certo! João se concentrou e, usando o resto de forças que tinha, levantou a barra de ferro para executar o golpe mortal que destruiria aquela cabeça abominável. Foi aí que percebeu a aproximação de um outro objeto. Virando-se, João viu que se tratava de uma grande placa vermelha que

se movimentava junto à cabeça giratória, como a lhe oferecer uma defesa à retaguarda. Para seu horror, viu que a placa vinha rapidamente em sua direção. Esboçou um movimento de esquiva, mas era tarde demais: a cauda do catavento o atingiu em cheio no rosto com violência e precisão. João se desequilibrou, iniciando uma queda livre de quase dezoito metros. Enquanto caía, o fenômeno de ecmnésia fez-lhe projetar em sua mente a revivescência de sua vida sofrida. Em flashes, lembrou-se de seus pais, da infância simples, das duas dezenas de irmãos que se amontoavam num pequeno quarto do casebre em que moravam; lembrou-se da fome e da sede que o acompanharam durante toda a sua vida, chegando a virarem companheiros de jornada; lembrou-se da adolescência, quando afogava os ímpetus hormonais sob o sol causticante e sublimava seu parco desejo sexual nos golpes da enxada, quebrando o chão duro do sertão; lembrou-se da primeira namorada com a qual viera a se casar, sem nunca ter compreendido verdadeiramente o significado de amar; lembrou-se do nascimento dos filhos, que sempre trouxera um sentimento ambivalente de afeto e preocupação pela boca a mais a ser alimentada; lembrou-se da perda do pai, da esposa e de todos os filhos; lembrou-se de um Deus que lhe parecia cada vez menos compreensível e distante odiando-se por tal heresia. Por fim, lembrou-se de sua mãe, a única lembrança verdadeiramente doce, plena de afeto e aconchego. Nos braços de sua mãe, João imaginava-se num mundo aromático e tépido, onde águas corriam alegremente em rios azuis, sabores de frutas exóticas aliviavam-lhe a fome, roupas e calçados confortáveis protegiam-lhe a pele, mantendo-a suave e macia como naquele abraço infinito e indelével. Foi essa a sua última lembrança, antes de seu crânio se chocar violentamente com o solo duro e ressequido da caatinga. A morte imediata não o deixou ver que a cabeça giratória do catavento virou-lhe as costas, lá do alto, indiferente ao sacrifício inútil que executara naquela manhã de mais um tórrido verão. O vento era agora ainda mais forte, e a cabeça girava feliz, alucinadamente, fazendo brotar ainda mais água da torneira aberta. Escorrendo pelo chão, a água seguia agora na direção do corpo de João, de onde sangue escorria. Unindo-se ao sangue, a água continuou sua missão de umidificar e fertilizar o chão ressequido, agora levando também material orgânico em abundância. Sem desejar, João contribuía para o projeto de modificação da natureza, contra o qual dera sua própria vida.

OCASO

Dr. Fábio Galvão Dantas

Médico neurologista. Contista premiado. Pianista clássico.
Professor dos cursos de Fisioterapia e Psicologia da UEPB

Era mais um dia de intenso calor na capital do Estado de Pernambuco. No Recife, fala-se em frio quando a temperatura fica abaixo dos 25 graus. O céu estava nublado e previam-se chuvas para o final da tarde.

Cecília abriu os olhos, preguiçosamente. Olhou ao redor. Estava, como sempre, sozinha no seu quarto. As cinco almofadas com quem dividia seu leito de viúva estavam a mirá-la, empurradas à distância, pelos movimentos inquietos do sono. Seu lençol havia caído no chão e sua camisola estava levantada, numa atitude despudorada e relapsa, que passou despercebida pela idosa.

Concentrava-se agora na tentativa de se localizar. Riu tristemente ao perceber que começava a esquecer, ocasionalmente, o próprio nome. Já não se lembrava se tinha filhos ou se tivera grandes (ou pequenos) amores. Não dava conta de sua situação financeira ou dos hábitos cotidianos de higiene e autoestima. Frequentemente, chamava suas cuidadoras de “filhas”, e as filhas, de “enfermeiras”. Que diferença fazia? Não eram todas elas que cuidavam de seu cotidiano? De que lhe serviria, a essa altura da vida, categorizar afetos e maximizar a importância de relacionamentos familiares? Sacudiu a cabeça, como se tentasse organizar as ideias. Percebeu que estava sem próteses dentárias e sorriu, entendendo que os incômodos objetos seriam cada vez mais inúteis: por conveniência das mãos que dela cuidavam, alimentos líquidos ou pastosos eram cada vez mais utilizados: sopas, papas, sucos, vitaminas, tudo era liquefeito, com cada vez menor preocupação com os sabores. Aos poucos, Cecília aceitava a nova dieta, engolindo, junto, a impotência e a crescente dependência física e psicológica que apresentava.

Resolveu que era hora de sair da cama, embora não tivesse a menor ideia do que iria fazer para preencher o restante do seu longuíssimo dia.

- Moça! - chamou Cecília, sem ter ideia de quem apareceria na porta. Poderia ser uma filha, uma cuidadora, a empregada doméstica ou algum rapaz. Será que ela tinha filhos? Ou seria o namorado de uma das moças? A libertinagem tomou conta dos jovens, pensou.

A porta se abriu. Luciana entrou no quarto, com um sorriso no rosto.

- Bom dia, flor do dia! – sorriu a moça, com gestos, frases e expressões cuidadosamente elaboradas para justificar o gordo salário que recebia como cuidadora. Como estamos nessa manhã tão linda?

Luciana ignorou o forte cheiro de urina que vinha da cama da idosa e dirigiu-se à janela. Abriu-a, deixando que um forte vento entrasse no quarto, trazendo o típico odor de poluição da região central da cidade. Melhor é o cheiro de fumaça do que o de urina, pensou.

- Filha, que dia é hoje? – perguntou Cecília, estendendo a mão para que Luciana a ajudasse a se levantar.

- Terça-feira – respondeu Luciana, docemente. Hoje está um dia lindo. Vamos tomar um banho, trocar essa fralda, vestir uma roupa bonita e dar um passeio lá embaixo!

Cecília sorriu. A única porta de saída do seu calabouço mental era o passeio diário que fazia, na área social do prédio. Lá embaixo, ao redor da pequena piscina, caminhava, apoiada no braço de alguma das moças, tomava sol e sentia-se um pouco mais viva. Os pequenos passeios de meia hora eram o melhor momento de seu dia, sem dúvidas.

- Vamos. Que dia é hoje? – repetiu Cecília, mostrando que a retenção de memória se deteriorava gravemente. No início, dava-se conta de tal dificuldade. Aos poucos, passou a se esquecer de que se esquecia. Hoje, nem pensava sobre o assunto.

- Domingo! – respondeu Luciana, divertindo-se com a perda de memória da idosa. Vamos para o chuveiro?

No banheiro, Cecília exibia os resultados do longo aprendizado comportamental adaptativo, desde o diagnóstico de doença de Alzheimer, há quase cinco anos. A mulher, antes pudica ao extremo, deixava-se devassar, desnudar, ser tocada, lavada, enxugada, sem sequer parecer incomodada. Não conseguia mais elaborar tal conhecimento, mas a permissão da invasão da intimidade corporal marcava, provavelmente, o início da fase terminal da cruel doença degenerativa cerebral.

Gentilmente, Luciana a fez sentar no banquinho, sob o chuveiro. Retirou sua camisola e a fralda geriátrica, abrindo o chuveiro. Cecília deliciou-se ao sentir o líquido morno escorrendo por sua cabeça e seu corpo. Instintivamente, levou as mãos aos seios e à barriga, acariciando-se calmamente. Não havia nenhum conteúdo erótico no gesto, mas uma tentativa de buscar-se a si própria, de reencontrar a unidade psicossomática de sua identidade, que se esvaía aos poucos, como a água que via escorrer pelo ralo. Seu corpo exibia as fortes marcas do tempo: seios caídos, barriga crescida, pele flácida, cabelos ralos, pernas e braços finos.

Luciana derramou o shampoo em sua cabeça e começou a fazer movimentos circulares. Depois, deitou sabonete líquido numa esponja e começou a lavar suas costas, sua barriga, seus genitais, nádegas e pernas. Após quase dez anos trabalhando como cuidadora, Luciana já não conseguia diferenciar idosos e crianças, quando as ajudava no banho ou em atividades ainda mais delicadas, como a higiene genital.

- Que delícia essa água! – disse Cecília, sorrindo para Luciana. Que dia é hoje, minha querida?

- Sábado! – sorriu Luciana, desligando a água e tomando a toalha para secar a idosa. Vamos vestir a roupa?

- Está na hora de dormir? Gostaria de vestir a camisola azul – disse Cecília, levantando-se do banquinho, apoiada no braço de Luciana.

- Não, querida – retrucou Luciana, com carinho. Está na hora de dar um passeio. Vamos colocar um vestido bonito e descer para dar uma caminhada!

- Mas hoje é que dia mesmo? – perguntou Cecília, gemendo de dor ao apoiar o quadril comprometido pela osteoporose.

Dessa vez, Luciana não respondeu. De repente, sentiu-se tomada por uma dor dilacerante ao ver os estragos que a doença provocava naquela doce senhora. Pensou sobre o sentido da vida, sobre a morte, sobre a injustiça, sobre um Deus em que acreditava piamente (mas permitia tais situações de sofrimento), pensou em sua mãe já falecida (coincidentalmente, também por doença de Alzheimer). Pensou em sua filha (será que cuidaria de Luciana, no futuro, caso ela precisasse?), no seu marido (estaria em casa ou aproveitaria sua ausência para se encontrar com alguma amante fortuita?), na sua colega que lhe renderia à noite (se ela faltar, iria ter coragem de deixar dona Cecília sozinha, entregue à própria sorte? Não, claro que não). Sentiu lágrimas a lhe brotarem aos olhos.

- Você está chorando, mocinha? Qual o seu nome? Por que você está aqui me ajudando? Não que eu ache ruim, mas você é tão jovem. Poderia estar na sua casa, e está aqui, com essa velha burra – disse Cecília, com sincero pesar. Você sabe que dia é hoje, querida?

- Quarta-feira, dona Cecília – respondeu, contendo o choro. Meu nome é Luciana, é um prazer estar aqui com a senhora.

- Ah, Luciana! Lembrei agora – mentiu Cecília. Você vai me levar para dormir? Que horas são agora? Hoje é que dia mesmo?

Luciana não respondeu. Ajudou-a a se levantar, colocou-lhe a fralda geriátrica e o vestido, calçou seus sapatos, passou seu perfume favorito (com cheiro de rosas) e levou-a até o elevador.

O passeio diário matinal as esperava.

SEVERO INVERNO

Igor Dantas
Aluno do 7º período

Noite de solstício. Ventos outonais varrem as pálidas folhas do bosque. O gélido orvalho das madressilvas se dissolve perfumado no ar. Cortando a densa bruma, passeiam, de mãos dadas, Afrodite e Hefesto.

Afrodite é cega. Nunca alguém lhe havia reparado. Verão passado, porém, conheceu Hefesto, que lhe jurou amor eterno. E, desde então, ela chora todos os dias de alegria e gratidão.

O passeio está agradável, sereno. É quase meia-noite.

De repente, uma estrela cruza o firmamento. Avistando-a, supersticioso, Hefesto deseja em silêncio: “Que minha amada possa enxergar!”. A estrela some.

Imediatamente, Afrodite abre os olhos. Pela primeira vez, vê Hefesto. Então ela o abandona para sempre. Meia-noite. Oficialmente já é inverno...



ESPARTANO

Dr. Fábio Galvão Dantas

Médico neurologista. Contista premiado. Pianista clássico.
Professor dos cursos de Fisioterapia e Psicologia da UEPB
(Convidado pelo Conselho Editorial)

Adonis acabara de regressar de uma sangrenta batalha, da qual os espartanos saíram, mais uma vez, vitoriosos. Os bárbaros não lograram conquistar o sagrado território grego, presente dos deuses para aquele povo decidido e invencível. Matara ao menos doze homens. Sentia um genuíno prazer ao ver sua espada lhes perfurar o peito indigno e o sangue escorrer como a humildemente lhe prestar uma merecida homenagem. Desde muito cedo, viu-se fadado a enfrentar inimigos nos campos de guerra e já nem se incomodava muito de ficar longe da linda mulher e dos seus dois filhos. Afinal, o regresso era sempre acompanhado pelo aconchego de Aretha: ela o recebia com um caloroso abraço, a despeito do suor e do sangue que encharcavam suas vestes e seu rosto cansado. Beijava-o ali mesmo e o conduzia para um demorado banho, onde limpava-lhe as feridas suavemente, beijando suas dores e completando suas perdas. Limpo e perfumado, Adonis cedia a uma noite inteira de lascívia. Ao final, genuinamente exausto e satisfeito, dormia sobre o peito da esposa, recompensado e reconstruído.

Esse retorno não seria diferente. Adonis admirava seu próprio corpo no espelho, totalmente despido. Aos trinta anos de idade, estava no auge da forma: músculos definidos se avolumavam sob uma pele morena. Os olhos castanhos e a boca definida compunham uma perfeita simetria com o nariz adunco.

Aretha abriu a porta do quarto e abraçou o marido pelas costas. Lentamente, acariciou seu rosto, seu peito e sua barriga, sem dizer nenhuma palavra. Estava ansiosa pelo retorno do seu homem, ausente há quase dois meses. A mulher se considerava felizarda por ter um dos homens mais desejados da cidade aos seus pés. Por isso, sequer cogitava ter um relacionamento extraconjugal, ainda que o desejo por vezes quase lhe desesperava nas noites quentes do verão grego.

Sentindo o calor do corpo da mulher, Adonis se virou e a beijou longamente. Entretanto, não sentiu seu corpo responder aos apelos do sexo. Continuou a beijar a mulher, que agora acariciava o corpo do marido de forma mais íntima. Acostumada a respostas mais vigorosas, a mulher se afastou e encarou o marido, como a questionar-lhe por sua falta de desejo. Adonis se desvencilhou do abraço, desculpou-se e se dirigiu ao banho,

alegando cansaço. Aretha, frustrada e confusa, saiu do quarto, escondendo as lágrimas que lhe brotavam dos olhos.

Perplexo, Adonis entrou na tina de madeira e se deixou aconchegar pela água tépida de um banho reconfortante. Jamais passara por situação semelhante.

Lembrou de Hermes, seu melhor amigo e companheiro de batalhas já há dez anos. Pensou em encontrá-lo para conversar sobre este assunto e abraçar lhe a esposa e a filha. Talvez tivessem tempo e disposição para um relaxante encontro sexual também. Nada selava tanto a amizade quanto a prática do sexo. Era a maior intimidade possível entre dois indivíduos. No caso dos amigos, essa intimidade excluía, de quebra, as agruras advindas das diferenças implícitas dos gêneros: os homens jamais discutiam, sempre pensavam de forma absolutamente semelhante, admiravam-se em suas virtudes, amavam-se de uma forma profunda, quase transcendental.

A lembrança dessa amizade tão especial provocou-lhe uma forte tensão sexual. Rapidamente, Adonis saiu da tina e se vestiu: tinha de visitar o amigo. Saiu do quarto e se dirigiu para a porta da casa, fingindo não ver a esposa que chorava num cantinho da sala. Nada estragaria seu reencontro com seu melhor amigo.

Adonis seguiu até a casa de Hermes. Seus pés pareciam adivinhar o caminho tão frequente e desejado. O coração batia forte, as faces pareciam queimar. Adonis pensava sobre a felicidade de ter um amigo tão especial. Em seus braços, certamente a tensão e as dores físicas resultantes dos seguidos dias de batalha se suavizariam e ele poderia até voltar aos braços da esposa de forma mais intensa.

Chegou em frente à casa de Hermes. Seu peito parecia explodir de alegria, seu corpo repleto de tamanha tensão sexual que quase rasgava suas vestes. Não esperaria nem mais um segundo. Tampouco anunciaria formalmente sua chegada: queria encontrá-lo subitamente, como uma tempestade de areia que oculta a luz do sol no deserto.

Abriu a porta da casa. Ninguém estava na sala. Provavelmente, a mulher de Hermes ainda não regressara da viagem que fizera com a filha. Adonis fechou a porta, sentindo gotas de suor em seu rosto, tremendo de excitação e desejo. Ouviu ruídos que vinham do quarto do casal. Ruídos familiares. Sem dúvidas, Hermes estava entregue ao sexo. Entre a dúvida e o pudor, Adonis seguiu o insuportável impulso do desejo e abiu subitamente a porta.

Hermes e Hades se viraram para a porta, assustados. Completamente nus, os homens interromperam o sexo e tentaram se cobrir com partes da roupa, muito envergonhados. Hades era também companheiro de batalha, um dos grandes amigos dos dois. Jamais tivera, até onde Adonis imaginara, algum tipo de envolvimento sexual, embora esse comportamento rotineiro não elicitasse ciúmes ou maiores fantasias por parte dos homens.

Adonis viu-se tomado por uma ira insuportável. Seu melhor amigo, seu companheiro de batalhas, seu confidente estava entregue aos braços de um outro homem. Pensou nos momentos de paz ao seu lado, nas intermináveis conversas, nos toques sutis de mãos durante as batalhas, nos abraços calorosos que se seguiam às vitórias, nas noites mal dormidas em que a ausência de Hermes se convertia em opressão e angústia.

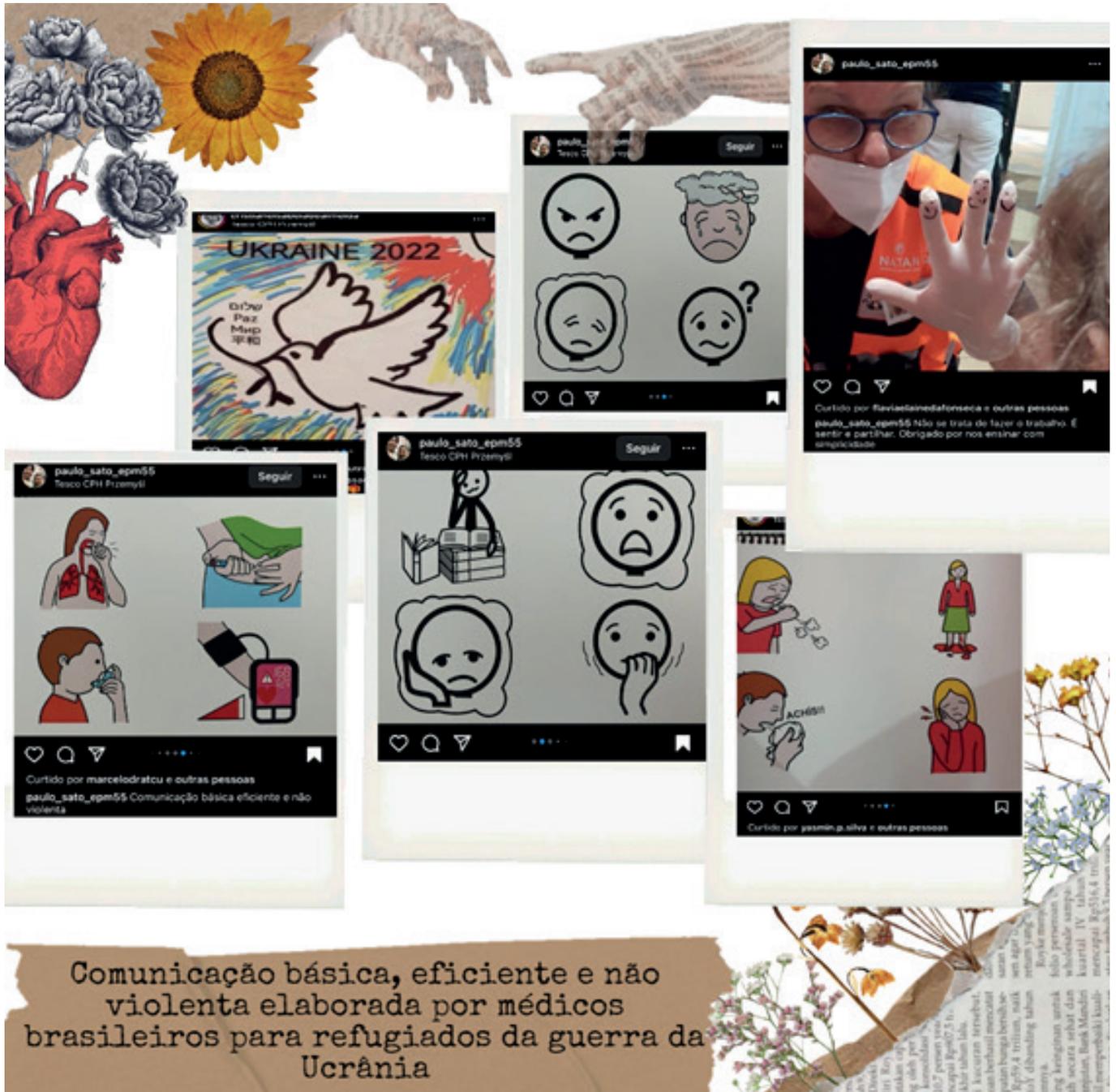
Não toleraria aquele nível de traição. Com mulheres, estaria tudo certo. Com outro homem, era insuportável. Cego de fúria, Adonis correu até a cozinha. Faca em punho, voltou para o quarto, onde os homens saíam da cama. Não haveria tempo para mais nada. Adonis esfaqueou primeiro o rosto, o peito e a barriga de Hermes. Ninguém possuiria aquele corpo, jamais. Enquanto Hermes caía no chão, rosto atônito, Adonis golpeou o peito de Hades, atingindo seu coração.

Dando alguns passos para trás, Adonis viu o sangue a inundar o piso do quarto, enquanto Hermes e Ades davam seus últimos suspiros.

Não havia outro caminho. Não havia mais razões para lutar, para resistir, para conquistar. Tudo estava agora consumado. Adonis perfurou seu próprio peito com a faca. Sentiu a dureza da lâmina a lhe perfurar a pele e os músculos, penetrando-lhe a intimidade dos órgãos internos. Lembrou-se rapidamente de momentos de sua vida: a infância feliz com os amigos, os treinos de luta, a adolescência marcada por descobertas sexuais, o casamento, os filhos, a esposa. Tudo lhe passou pela cabeça como o filme impositivo. A derradeira lembrança foi o calor dos braços de Hermes, seu cheiro, seus músculos, sua alegria. Jamais estariam separados. Os deuses haveriam de recompensá-los pelas vitórias, pelas batalhas, pelo amor não incompleto, pelo desejo encarcerado, pelos sonhos amputados, por tudo. Os deuses haveriam de recompensá-los.

Chegamos aqui ao final desta primeira edição da Revista Literária Arte e Cura. Agradecemos a todos os que (lendo ou publicando) participaram desta iniciativa.

Dedicamos o presente número a todos os que, como os profissionais abaixo citados, usam maneiras inventivas, solidárias e humanas de tornar a Medicina a verdadeira Arte da Cura!



Maria Eduarda Florêncio, Clara Uchôa e Yasmin Nóbrega

Alunas do 3º período

ARTE & CURA

Dezembro 2022

Edição #01

